

**OS VOOS DO**

*"Parvão Misterioso"*

**100 ANOS DE  
ENCANTO**

Joseilda de Sousa Diniz  
Josenildo Maria de Lima  
(Organizadores)





**Universidade Estadual da Paraíba**  
Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*  
Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*  
Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

#### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)  
Alberto Soares de Melo (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)  
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)  
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)  
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

#### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Joseilda de Sousa Diniz  
Josenildo Maria de Lima  
(Organizadores)**

**Os voos do Pavão  
Misterioso:  
100 anos de encanto**



Campina Grande-PB  
2023



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

**Expediente EDUEPB**

***Design Gráfico e Editoração***

Erick Ferreira Cabral  
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes  
Leonardo Ramos Araujo

***Revisão Linguística e Normalização***

Antonio de Brito Freire  
Elizete Amaral de Medeiros

***Assessoria Técnica***

Carlos Alberto de Araujo Nacre  
Thaise Cabral Arruda  
Walter Vasconcelos

***Divulgação***

Danielle Correia Gomes

***Comunicação***

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

V951 Os voos do Pavão Misterioso: 100 anos de encanto /  
organizadores, Joseilda de Souza Diniz e Josenildo  
Maria de Lima. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.  
205 p. : il. ; 15 x 21 cm. 9322 KB

ISBN: 978-85-7879-878-9 (E-book)

1. Literatura paraibana 2. Poesia paraibana. 3.  
Literatura de cordel. I. Diniz, Joseilda de Souza II. Lima,  
Maria de Lima. Título.

CDD 813.3

Ficha catalográfica elaborada por Ana Virginia de Queiroz Melo Leite – CRB-15/945

Copyright © EDUEPB

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*



### **Conselho Editorial 100 anos do “Pavão Misterioso”**

Joseilda de Sousa Diniz (UEPB/ABLC/ACVPB)

Josenildo Maria de Lima (UEPB/ACVPB)

José Itamar Sales (UEPB)

Maria Elizabeth Baltar (UEPB/ACVPB)

Fernando Moura (Fundação Casa de José Américo-FCJA)

Paola Tôrres (UFC/UNIFOR/ABLC)

Ria Lemaire (Université de Poitiers/ CRLA-França)

Stélio Torquato (UFC)



# SUMÁRIO

PRÓLOGO

APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA

*Por Fábio Mozart, 13*

SOBRE A EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS  
100 ANOS DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Joseilda de Sousa Diniz e Josenildo Maria de Lima, 15*

AUTORES E AUTORAS DA ANTOLOGIA 100  
ANOS DO VOO DO PAVÃO MISTERIOSO

100 ANOS DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Alexandre Eduardo Araújo, 40*

A DONZELA EM CATIVEIRO: RELEITURA  
DE “O PAVÃO MISTERIOSO”

*Por Anne Karolynne Santos de Negreiros, 49*

O PAVÃO AUSPICIOSO

*Por Antonio Marcos Monteiro, 58*

O PAVÃO MISTERIOSO: UM CENTENÁRIO  
DE HISTÓRIA E EMOÇÃO

*Por Aparecida Cardoso, 64*

CENTENÁRIO DO ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Arnaldo Mendes Leite, 70*

PAVÃO MYSTERIOZO

*Por Bento Júnior, 79*

VOO PARA A LIBERDADE

*Por Claudete Gomes, 86*

O VOO INOCENTE NOS MISTÉRIOS DO PAVÃO

*Por Cristine Nobre, 92*

O PAVÃO QUE VIROU DRONE

*Por Dalmo Oliveira, 100*

ESTRELA DA POESIA E O PAVÃO MISTERIOSO

*Por Dalva Mendonça, 106*

PAVÃO MISTERIOSO NA VERSÃO ZÉ LIMEIRA

*Por Eduardo Nask, 112*

ROMANCE DO PATO MISTERIOSO

*Por Fábio Mozart, 121*

DESABAFO DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Gilberto Baraúna, 130*

O PAVÃO MISTERIOSO É FICÇÃO CIENTÍFICA

*Por Gorrión da Rabeca, 139*

NAS ASAS DO PAVÃO MISTERIOSO, O  
VOO DA LITERATURA DE CORDEL

*Por Juliana Soares, 147*

ZÉ DO PAVÃO

*Por Márcio Bizerril, 153*

PAVÃO INTERESTELAR

*Por Merlânio Maia, 162*

SÁTIRA DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Orlando Otávio, 172*

A PARAÍBA É A PÁTRIA DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Thiago Alves, 181*

CENTENÁRIO DO PAVÃO MISTERIOSO

*Por Palloma Brito, 190*

PAVÃO MISTERIOSO EM SÃO MIGUEL DE TAIPU

*Por Verônica Adelino, 199*



# PRÓLOGO

“OS VOOS DO PAVÃO: 100 ANOS DE ENCANTOS” É UMA ANTOLOGIA poética, cuja contribuição é dos nossos confrades e congreiras da Academia de Cordel do Vale do Paraíba – ACVPB. A coletânea vem abrilhantar o projeto editorial da “*Coleção 100 Anos do Pavão Misterioso*” em homenagem ao centenário da obra icônica de José Camelo de Melo Rezende e de João Melchíades Ferreira da Silva.

A Editora da Universidade Estadual da Paraíba – EDUEPB acolheu com entusiasmo o projeto voltado à Literatura de Cordel e sua Cadeia de Produção, fomentando para as novas gerações a longevidade da obra. Com o seu protagonismo na área editorial, a EDUEPB lançou-nos novos desafios. Dentre eles, o de trazer à memória o universo multifacetado que envolve a obra do “Pavão Misterioso” em suas múltiplas reinvenções e territórios de diálogos e projeção para além do arcabouço poético da Cantoria, Cordel e Xilogravura.

Além do projeto-piloto do livro infantojuvenil em quadrinhas, temos esta obra em versos. Seguido de dois volumes: um, dedicado à produção acadêmico-científica em torno do “Romance do Pavão Misterioso” e o último; mais artístico, revelando todo o protagonismo da obra, em diferentes campos dos saberes, fazeres e de conhecimento, assim como nos desdobramentos artísticos e culturais da obra com suas invenções, reinvenções e ressignificações.

Este romance é o mais popular e reeditado ao longo de



décadas por diferentes gerações de artistas e poetas editores. Sua proeminência artística e cultural é tamanha que o romance adentrou os mais diversos territórios artísticos culturais: música, telenovelas, artes plásticas, cinema de animação, teatro, teatro de mamulengos, circo mambembe, palcos cinematográficos, assim como, nas escolas, universidades, escolas de samba, documentários, moda, artes visuais, artes plásticas, artesanato, em livros e histórias em quadrinhos, enfim, em inúmeras adaptações e traduções em diferentes idiomas. “O Romance do Pavão Misterioso” faz parte de um passado e presente latentes no imaginário do povo nordestino e brasileiro.

*Os organizadores*



# APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA

POR FÁBIO MOZART

Com as bençãos de Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá, Francisco das Chagas Batista e João Melquíades Ferreira, a Academia de Cordel do Vale do Paraíba e a Editora da Universidade Estadual da Paraíba brindam o público leitor com esta coletânea sobre o *Romance do Pavão Misterioso*, cordel do paraibano José Camelo de Melo Rezende, no ano em que esse icônico folheto completa cem anos de publicação. Vinte e um poetas de bancada viajam em torno da ave fantasiosa entre o cômico, o fantástico, o histórico, a política e o lirismo, com a criatividade e técnica do bom cordelista. Poetas hodiernos, artistas da Academia mais atuante da Paraíba, fazendo sua leitura a respeito dessa obra clássica do gênero cordel, por sinal reconhecida em todo o país. No carnaval de 2012, o desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro, trouxe uma homenagem ao poeta paraibano José Camelo de Melo Rezende, natural da cidade de Pilõezinhos. O carro abre-alas retratou a literatura de cordel nordestina, representada pelo Pavão Misterioso.

Agradecemos a disposição e inventividade das autoras e autores presentes nesta compilação, com reconhecimento especial para o Núcleo de Editoração da Academia de Cordel do Vale do Paraíba constituído por Manoel Belisário Neto, Pádua Gorrión, Josafá de Orós, Kydelmir Dantas, Lino Sapo, Raniery Abrantes e Thiago Alves.



O romance de cordel mais conhecido no mundo já foi tema de novela, virou disco, peça teatral e filme de aventura fantástica. Tem agora, no seu centenário, vinte e uma interpretações de poetas com suas diferentes características e estilos. É um livro para se entrar em sintonia com o mundo cordelesco no que ele apresenta de mais forte, que é a criatividade, tendo o humor como ingrediente também importante.

Por fim, somos gratos ao nosso confrade Jota Lima Cordelista (Josenildo Maria de Lima), por intermediar os contatos com a Editora, juntamente com Joseilda Diniz, ambos da Academia. Pessoalmente agradeço a gentileza da Editora da UEPB pelo convite para organizar a presente coletânea de cordéis, dando sequência ao trabalho de alto nível e importância dessa instituição de ensino superior, referência nacional em pesquisas e ações institucionais sobre o cordel brasileiro.

**SOBRE A EDIÇÃO  
COMEMORATIVA DOS 100 ANOS  
DO PAVÃO MISTERIOSO**

**JOSENILDO MARIA DE LIMA**

Mandei fazer um banquete  
Dos bons em São Saruê.  
E convidei dois gigantes  
Pra partilhar com Você,  
E contar sobre o Pavão  
Que ainda faz um *fuzuê*.

Pedi-lhes grande banquete  
Feito com bastante zelo  
Para receber com honras  
Poeta José Camelo,  
Natural lá de Pilões,  
Para o povo conhecê-lo.

Os habitantes de lá  
Fizeram festa importante  
E convidaram também  
Outro cantador marcante  
Poeta João Melchíades,  
E peço que não se espante.



E naquele mesmo dia  
Também foram convocados  
Poetas e Poetisas  
Criando versos alados  
Contando sobre os cem anos  
Dos voos que foram dados.

As congreiras e confrades  
São membros da ACVPB,  
Mostraram mil aventuras  
Do Pavão em São Saruê,  
As vitórias e as agruras,  
Depois do povo *cumê*.

Cada autora e cada autor  
Mostrando com ousadia  
Que no final da conversa  
A briga pela autoria  
Do Pavão Misterioso  
É uma luta vazia.

Pois enquanto o pioneiro  
Encantou ao som do pinho,  
Não o podia publicar,  
Pois enfrentava um espinho.  
Apareceu outro poeta  
E o Pavão voou do ninho.



No final desse banquete  
Com tanta fartura e paz,  
Os poetas pioneiros  
Deixam a mágoa voraz  
E partilham a criação,  
Coisa que só gênio faz!

O poeta Zé Camelo  
Apertou enfim a mão  
Do poeta João Melchiades  
Encerrando a discussão,  
Que perdurava 100 anos,  
Sem avanços ou união.

Pois lá em São Saruê  
Tem um bolinho gostoso  
Se você tiver pendengas  
Vá provar o saboroso  
Que toda disputa encerra  
E o mundo fica amoroso.

Os poetas convidados  
Deixaram bons argumentos,  
Cada um pôs em seu cordel  
Dizeres dos firmamentos,  
E quem quiser conhecer  
Basta ler noutros momentos...

E se gostar das histórias  
Narrando fatos reais,  
Leve este livro pra casa  
E pague os valores tais,  
Cobrados pelos autores  
Pra criarem sempre mais...

Assim tudo aconteceu  
Poemas por todo lado  
Contando a bela canção  
Pelo poeta inspirado,  
Agora nobre leitor  
Leia o cordel badalado.

**AUTORES E AUTORAS DA  
ANTOLOGIA 100 ANOS DO VOO  
DO PAVÃO MISTERIOSO**

**ALEXANDRE ARAÚJO -**



[alexandre.araujo@academico.ufpb.br](mailto:alexandre.araujo@academico.ufpb.br)

Professor da Universidade Federal da Paraíba, doutor em Engenharia Agrícola. Cordelista autor do folheto “Prote-  
gendo o meio ambiente, Solânea está mais segura”.

## ANNE KAROLYNNE



[cordelpersonalizado@gmail.com](mailto:cordelpersonalizado@gmail.com)

Natural de Campina Grande, poetisa e enfermeira, especialista em saúde mental. Desenvolve o projeto “Cordel personalizado”, com cerca de 300 biografias escritas e rimadas na linguagem do cordel.

ANTONIO MARCOS MONTEIRO



[tony.marcos2009@hotmail.com](mailto:tony.marcos2009@hotmail.com)

Professor, natural de Itabaiana, Paraíba, realiza projetos literários baseados na literatura de cordel desde 2009. É graduado em Língua Portuguesa, pós-graduado em Literatura.

## APARECIDA CARDOSO



[maria.cardoso9@professor.pb.gov.br](mailto:maria.cardoso9@professor.pb.gov.br)

Maria Aparecida de Sousa Cardoso é professora em São João do Rio do Peixe, Paraíba. Natural de Sousa (PB), é graduada em Letras e tem vários poemas publicados em coletâneas.

ARNALDO MENDES LEITE



uauleite@gmail.com

Natural de Pombal, Paraíba. É professor, poeta cordelista, compositor e intérprete.

## BENTO JÚNIOR



[bentofilho.carvalho@gmail.com](mailto:bentofilho.carvalho@gmail.com)

Paraibano de João Pessoa, professor, teatrólogo e poeta. Tem graduação em Educação Artística, é especialista em Crítica Teatral e Mestre no Ensino de Teatro pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

CLAUDETE GOMES



[poetaclaudetegomes@gmail.com](mailto:poetaclaudetegomes@gmail.com)

Mestra em Artes, graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba. Poeta da literatura de cordel, Claudete coloca sua arte em prol do protagonismo juvenil e feminino e na defesa da identidade cultural do Nordeste.

CRISTINE NOBRE



[cristinenobre@gmail.com](mailto:cristinenobre@gmail.com)

Odontóloga, a poetisa destaca-se pela sua atuação em comunicação na área de saúde, utilizando o cordel como meio de informação e “garantia de saúde” na área onde atua.

DALMO OLIVEIRA



[dalmo.oliveira@gmail.com](mailto:dalmo.oliveira@gmail.com)

Jornalista e radialista profissional, Mestre em comunicação pela UFPE desde 2007. Foi diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba. É ogan do Ilé Asè Omidewa.

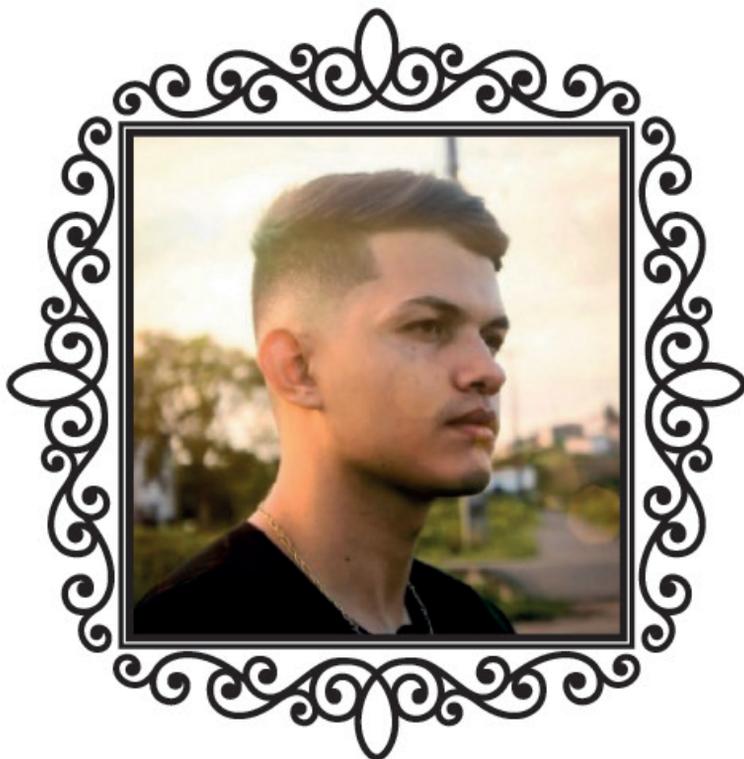
DALVA MENDONÇA



[gio-delta@hotmail.com](mailto:gio-delta@hotmail.com)

Residente em São José dos Ramos, Paraíba, autora dos cordéis “Homenagem a Zé Preto – Vaqueiro aboiador” e “Manuel Xudu, um bamba do improviso”.

EDUARDO NASK



ednask33@gmail.com

“Professor de literatura na rede municipal de São José dos Ramos e estudante de letras da UFPB.

## FÁBIO MOZART



mozartpe@gmail.com

“Jornalista, radialista, tem vários livros publicados. Ganhou o Prêmio Patativa de Assaré de Literatura de Cordel – Ministério da Cultura em 2010”.

GILBERTO BARAÚNA



Gilberto Baraúna da Silva [baraunacordelista@hotmail.com](mailto:baraunacordelista@hotmail.com)  
O autor é natural de Caiçara, mas vive em Pilões, na Paraíba,  
com mais de 180 títulos de cordéis já publicados.

## GORRIÓN DA RABECA



[paduagomesgurrion@gmail.com](mailto:paduagomesgurrion@gmail.com)

Poeta, professor de espanhol e português, artesão, fabricante de rabeca, Gorrión mora em Itatuba, Paraíba.

JULIANA SOARES



[juliana.pedagogia@hotmail.com](mailto:juliana.pedagogia@hotmail.com)

A primeira mulher cordelista da cidade Cabaceiras, Paraíba. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, com especialização em Educação Infantil. Escreve folhetos de cordéis, inclusive para o público infantojuvenil.

## MÁRCIO BIZERRIL



[marciobizerril@hotmail.com](mailto:marciobizerril@hotmail.com)

Artista plástico, ceramista, poeta e cordelista. O “poeta das cores” está sempre produzindo e, principalmente, buscando usar a sua arte de forma didática. Reside em Mulungu, Paraíba.

MERLANIO MAIA



[merlanio@gmail.com](mailto:merlanio@gmail.com)

Nascido em Itaporanga, Paraíba, o “poeta da paz” é cordelista, cantador, escritor e voluntário no combate ao câncer infantil.

## ORLANDO OTÁVIO



[orlando.otavio@bol.com.br](mailto:orlando.otavio@bol.com.br)

Natural de Itabaiana, primo do mestre Sivuca, compositor e cordelista, autor de “Itabaiana - Seus Valores e Seus Amores”, entre outras obras.

THIAGO ALVES



[thiagoalves1560@gmail.com](mailto:thiagoalves1560@gmail.com)

Escritor, poeta, artista plástico, regente marcial, ator, dramaturgo e professor, Thiago Alves é paraibano da cidade de Itabaiana.

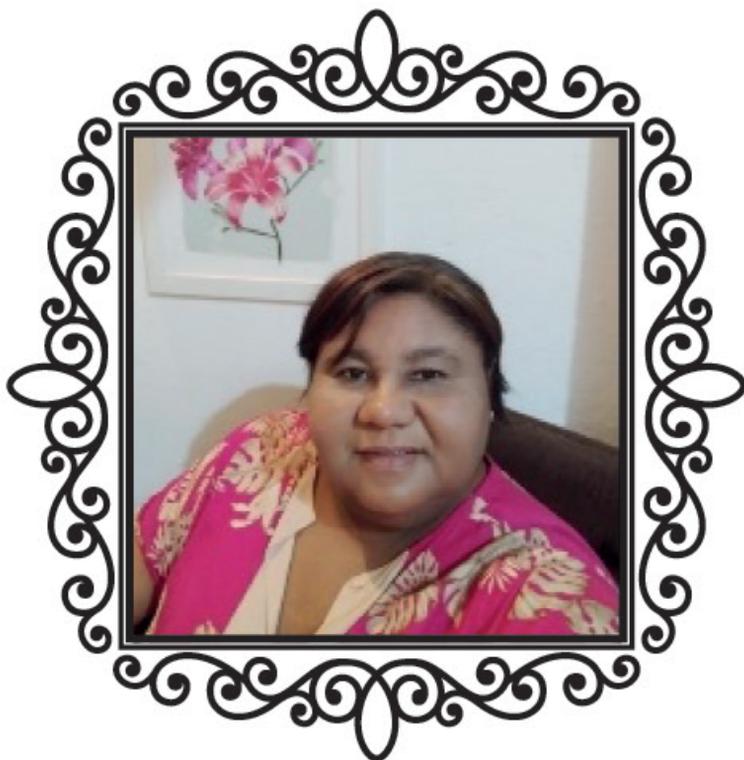
PALLOMA BRITO



[britopalloma21@outlook.com](mailto:britopalloma21@outlook.com)

Além de poetisa cordelista, é professora alfabetizadora, especialista em educação infantil. Natural de Paulista, Pernambuco, desenvolve suas atividades em Livramento, Paraíba.

## VERÔNICA ADELINO



[veracras@hotmail.com](mailto:veracras@hotmail.com)

Reside em São Miguel de Taipu, Paraíba. É Professora, Técnica em Enfermagem, Cordelista e folclorista. Desenvolve projetos na área cultural e é uma das fundadoras do projeto Semear.

# 100 ANOS DO PAVÃO MISTERIOSO

**POR ALEXANDRE EDUARDO ARAÚJO**

Clamo ao Deus de amor  
Dai-me santa inspiração  
Para fazer o registro  
Em versos nesse cordão  
Comemorando a história  
De 100 anos do Pavão

No véu escuro da noite  
Canta um galo inocente  
Anunciando a madrugada  
Já chegando diferente  
Rasga um grito de pavão  
Na aurora reluzente

No ano de vinte e três  
Na Parahyba do Norte  
Poeta, pena e papel  
Açoitam suave sorte  
No mistério do pavão  
Vão viver além da morte



Inda era século vinte  
Naquele tempo passado  
Cem anos voltando atrás  
Estava tudo atrasado  
Sem redes de internet  
O papel dava o recado

Não havia facebook  
Nem zap, nem instagram  
Cantiga era de grilo  
De sapo, de gia e rã  
Para ouvir choradeira  
Só junto da acauã

Para assistir novela  
Não tinha televisão  
Nem filme, nem matinê  
Cinema num tinha não  
Escutar cordel nas feiras  
Era a maior atração

Tudo vinha no folheto  
No cordel tudo cabia  
Estórias de malassombro  
Caipora que assubia  
Tibungo dentro de pote  
Cobra que leite bebia

Mentira, causo e conto  
Comédia era bom lance  
Histórias de além-mar  
Brigada dentro dum dance  
Cangaceiro apaixonado  
Os beijos de um romance

Bom romance era sucesso  
Nas feiras e nas calçadas  
Nos terreiros campesinos  
Nas noites enluaradas  
Ouvir um lindo romance  
Nas salas apaixonadas

Fosse sentado num banco  
Ou no cimento queimado  
No frescor do entardecer  
Com o olhar antenado  
No leitor cantando versos  
Cada qual mais entoadado

Esse era nosso Brasil  
Quando o Pavão se lançou  
Abriu um hotel no Rio  
No mesmo ano fundou  
Também a primeira rádio  
Difusora inaugurou

Um Pavão Misterioso  
Cem anos de forte essência  
Nas terras de Guarabira  
Foi erguida a eloquência  
Literária popular  
Do Romance em evidência

José Camelo de Melo  
No auge da inspiração  
Balança firme a caneta  
Pra balançar a nação  
Faz na novela, romance  
De amor e sedução

No cordel tem ficção  
Mecanismo em transgenia  
Naquele pavão de lata  
Avanço da engenharia  
Tem estrutura, tem rima  
Como pede a poesia

A aventura se passa  
Entre Grécia e Turquia  
Entre dois irmãos unidos  
Que todo povo aprecia  
E uma linda mulher  
Gritando por alforria



João Batista, o mais velho  
Fez viagem mundo afora  
Conheceu outros lugares  
Vislumbrou a nova aurora  
Foi no Japão e na Grécia  
Quando estava vindo embora

Ouviu falar da condessa  
De face linda e singela  
Que só uma vez no ano  
Punha o rosto na janela  
Fascinando a multidão  
Por aparência tão bela

Comprou um retrato dela  
E colocou na bagagem  
Levou para seu irmão  
Um presente da viagem  
Como prova de amizade  
Respeito e camaradagem

Evangelista estranhou  
O presente do irmão  
Um retrato de mulher  
Parecia gozação  
Mas quando viu o seu rosto  
Bateu forte o coração

Saltou firme de emoção  
Cheio de agradecimento  
-Quero ver essa donzela  
Contemplar o seu talento  
E confirmando a beleza  
Tomá-la em casamento

Seu irmão lhe disse: calma  
Não haja na emoção  
Pense no que vai fazer  
Controle sua razão  
O pai dela é poderoso  
Pode render confusão

Porém o jovem Batista  
Estava determinado  
-Vou libertá-la das grades  
Desse conde tão malvado  
E lhe darei meu amor  
Pois estou apaixonado

Combinou com seu irmão  
Em dividir a riqueza  
Precisava da fortuna  
Pra custear a despesa  
Em se tratando de amor  
Não pode ter avareza

O amor por natureza  
É algo pra se lutar  
Cultivar no dia-a-dia  
Para poder conquistar  
Não lutar pelo que ama  
Desmerece o verbo amar

Cultivando o sentimento  
Batista foi para Grécia  
Na cidade de Atenas  
Começou a peripécia  
Chegar junto à donzela  
Muito sério, sem facécia

O sobrado onde a donzela  
Morava era protegido  
Soldados, grades e armas  
Com vigilante e entendido  
À espreita de quem viesse  
Pelas sombras escondido

Encarcerada a mocinha  
Era difícil chegar  
Apresentar-se quem era  
E o desejo de casar  
E a mulher dos seus sonhos  
Ele poder conquistar

Na força da inspiração  
O autor em primazia  
Trouxe à história Edmundo  
Engenheiro em maestria  
Pra engenhar um motor  
Que ninguém o conhecia

Em seis meses trabalhando  
Com fervor e devoção  
Colocou motor elétrico  
Um bico, pata e botão  
Construiu um aeroplano  
No formato de pavão

Essa bela invenção  
Das veias desse poeta  
Quando 100 anos passado  
Anteviu robótica e meta  
Pensar artificial  
Que só hoje nos afeta

Pois bem veja aventura  
Que amor sempre acata  
Para vislumbrar o novo  
Na emoção insensata  
Batista voou nos céus  
Foi nesse “*passo*” de lata

José Camelo, um emblema  
Do cordel para a nação  
Batista ganhou a moça  
E se deram em união  
Academia celebra  
100 anos dessa paixão.

# A DONZELA EM CATIVEIRO: RELEITURA DE “O PAVÃO MISTERIOSO”

**POR ANNE KAROLYNNE SANTOS DE NEGREIROS**

Eu vou narrar um enredo  
Nem um pouco auspicioso  
De uma mulher-objeto  
Sem vida, expressão ou gozo;  
A donzela em cativo,   
Filha dum conde orgulhoso.

A moça, chamada Creusa,  
Já nasceu em berço de ouro.  
De família aristocrata,  
Na Grécia, ela era um tesouro.  
Mal sabia o que a esperava  
Em seu destino vindouro.

A menina Creusa tinha  
Uma face sem igual  
Desde pequena encantava  
De maneira especial,  
Com seu jeito de doçura  
E presença angelical.



A beleza genuína  
Era muito admirada  
Mas, pra Creusa, foi um fardo  
Deixou aprisionada  
O próprio pai a tornou  
Totalmente escravizada.

O cruel conde criou  
A filha numa prisão,  
Escondida num sobrado,  
Nas sombras da escuridão.  
Apenas ele podia  
Dar-lhe alguma educação.

Nem mesmo a mãe da condessa  
Tinha alguma autonomia.  
Era, também, oprimida,  
Sua fala não se ouvia.  
Mesmo querendo ajudar,  
Ela nunca conseguia.

Um dia, o pai quis tirar  
Por um momento seu véu.  
Só que, ao invés de escondê-la,  
Mostrá-la feito troféu.  
Exibi-la uma vez no ano,  
Causando enorme escarcéu.

O conde parou a Grécia  
Ao mostrar a sua filha.  
Pela janela eles viam  
A face da maravilha.  
Que, do sobrado, acenava  
No íntimo de sua ilha.

Ela tinha pouca idade  
E já era cobiçada.  
Olhos famintos a viam  
Pela janela quadrada.  
Por câmeras mais diversas  
Seguia fotografada.

Era uma hora de espetáculo  
Que durava a exibição.  
Creusa tinha que sorrir  
Ao mostrar sua feição.  
Via milhões de pessoas,  
Mas sem comunicação.

Quando a janela fechava,  
Naquele exato segundo,  
A condessa se isolava,  
Voltava ao seu triste mundo.  
A terrível solidão  
Era seu pano de fundo.

— Por que que eu fico trancada  
Sem poder nem me expressar?  
Por que que o papai me impede  
Até mesmo de sonhar?  
A condessa refletia,  
Não se continha em chorar.

Creusa tinha completado  
Seus dezoito anos de idade  
Seguia sendo exibida  
Feito uma propriedade  
Sobrepondo-se a si mesma,  
À própria necessidade.

Passaram seis meses desde  
Sua última aparição  
Creusa dormia em seu quarto  
Quando sentiu uma mão  
Tocando na sua fronte  
No meio da escuridão.

Gritou com todas as forças:  
— Papai, um desconhecido  
Entrou aqui no meu quarto!  
Sujeito muito atrevido!  
Seu coração palpitava  
Temendo ser um bandido.

O rapaz não parecia  
Ter ido lhe maltratar.  
Olhou dentro dos seus olhos,  
Sorriu, tentando acalmar  
E disse: — Eu venho saber  
Se comigo quer casar?

O conde acordou, porém  
No lar ninguém encontrou.  
— Era um jovem rico, pai,  
Aqui no meu quarto entrou.  
Creusa disse, esbaforida,  
Mas o pai desconfiou.

Esse moço entrou, saiu  
Mas nem sequer foi notado.  
Creusa ficou encucada:  
Por onde ele havia entrado?  
Se ele não a conhecia,  
Como estava apaixonado?

Mais uma vez ele foi  
Pra tentar dialogar,  
Mas a condessa, assustada,  
Gritou, pra o pai alertar.  
Novamente foi embora  
Sem nenhum rastro deixar.

O seu pai bolou um plano  
Pra descobrir quem ele era.  
Seria uma assombração?  
Pra condessa, uma quimera?  
Com o plano elaborado  
Estavam todos na espera.

Noutra visita do moço  
Teve conversa, sorriso,  
Ele falou pra condessa  
Que ela era seu paraíso.  
— Se aceitar casar comigo,  
Eu faço o que for preciso!

Parece até que a condessa  
Estava se apaixonando.  
O rapaz era educado,  
Ele a estava conquistando.  
Mas, com o plano do conde  
Essa história ia mudando

Não demorou muito tempo,  
Prenderam o cidadão.  
Mas ele era astucioso,  
Se safou da apreensão,  
Saiu voando no céu  
Encangado num pavão.

Descobriram que esse moço  
Se chamava Evangelista.  
Mandou fazer o pavão  
Com um engenheiro-artista.  
Tinha vindo do estrangeiro  
Em busca de uma conquista.

O coração da donzela  
Que vivia encarcerada  
Decidiu vir conquistar  
Pra que fosse sua amada.  
Casar era o que queria,  
Pensava nisso e mais nada.

Foi pela última vez  
Adentrar lá no sobrado.  
Creusa lhe pediu desculpa  
Pelo plano elaborado.  
E ele disse: — Não se acanhe,  
Estou muito apaixonado!

Decidiram fugir juntos,  
Navegaram no pavão;  
Viajaram pra Turquia,  
Era do moço o torrão.  
Casaram no mesmo dia  
Na casa do seu irmão.

Mas só bastou se casar  
Que uma notícia chegou:  
“O conde morreu de raiva  
Do desgosto que ficou”.  
Pra receber sua herança  
A sua mãe lhe chamou.

Creusa, com Evangelista,  
Viajou de volta ao lar.  
Sua mãe a abençoou,  
Juntas, puderam chorar.  
— Filha, viva sua vida  
Sendo livre pra voar.

Creusa estava decidida  
A nunca mais permitir  
Ser podada por ninguém,  
Não se deixar oprimir.  
O gosto da liberdade  
Ela podia sentir.

Com a riqueza da herança  
Fundou a associação  
Pra ajudar outras mulheres  
Vítimas, também, da opressão  
A marca da sua ONG  
Era uma mulher-pavão.

Mulheres de todo canto  
Vinhão pra sua cidade  
Receber o seu apoio,  
Nutrir laços de amizade  
Pra juntas, ganharem forças  
E viver a liberdade.

# O PAVÃO AUSPICIOSO

**POR ANTONIO MARCOS MONTEIRO**

Comento neste cordel  
O Pavão Misterioso  
Uma história de amor  
De um rapaz corajoso  
Que raptou uma moça  
Filha de nobre orgulhoso

Esse original romance  
Escreveram faz cem anos  
José Camelo Rezende  
Autor já em outros planos  
É história de sucesso  
Sobre fidalgos tiranos

É um cordel “best seller”  
Poema fenomenal  
O Pavão Misterioso  
Não se encontra outro igual  
Que tenha esse imenso  
Sucesso comercial



Em dois mil e vinte e três  
Fez cem anos do Pavão  
Essa fábula é linda  
Lá do povo do sertão  
É fama para mil anos  
Pois não tem comparação

Muita querela surgiu  
Na carreira do Pavão  
Dizem que João Melchíades  
Fez uma imitação  
Plagiou esse folheto  
Ainda rola a questão

No ano 76  
Dias Gomes escreveu  
Novela Saramandaia  
Foi nela que apareceu  
A cantiga do Pavão  
Grande sucesso colheu

O cordel de Zé Camelo  
Ganhou a trilha sonora  
Estourou na Rede Globo  
E pelo Brasil afora  
Teve a ventura da obra  
Tão recitada outrora

A filha de um militar  
Que comandava uma zona  
Em território na Grécia  
Era quase cinquentona  
Mas dona de uma beleza  
Encanto que sugestiona

Vivia presa na torre  
Até que um rapaz a viu  
Ela quando avistou ele  
Também de volta sorriu  
E naquele mesmo instante  
O bem-querer se fundiu

Criou-se uma ideia fixa  
No rapaz Evangelista:  
Fugir com a filha do conde  
Sem deixar nenhuma pista  
Mas como, no labirinto,  
Sem ter saída à vista?

Evangelista era rico  
Torrou todo patrimônio  
Encomendou uma nave  
Sustentada em criptônio  
Movida a gás nuclear  
E carcaça de titânio

Evangelista gastou  
Nesse aparelho um bilhão  
Com um motor de Opala  
Funcionando a combustão  
Oitocentos mil cavalos  
Era sua propulsão

A sua maior potência  
Vinte mil RPM  
Ao ligar a ignição  
O mundo todo se treme  
Sua força nuclear  
A crosta da terra espreme

O pai da moça donzela  
Era forte general  
Do Exército da China  
Maior potência naval  
Duas mil embarcações  
Guardando rio e canal

Tomando conta do mar  
E por cima aviação  
Muitos caças bombardeiros  
Dominando a região  
Esforço de guerra aérea  
Para conter o ladrão

Que roubou a sua filha  
Em vil empreendimento  
Numa ousada operação  
Desapareceu no vento  
Livrando a triste donzela  
Do ilegal confinamento

Esse conde impiedoso  
Era um general fascista  
Chamado Francisco Franco  
Militar apologista  
De regime autoritário  
Autocrata feudalista

Ele queria saber  
Como seu reino tão forte  
Guardado por mil milícias  
Nas fronteiras sul e norte  
Leste, oeste, mar e céu  
Teve essa triste sorte

De ser derrotado em casa  
Por um rapaz estrangeiro  
Montado em mística ave  
Fugindo do seu terreiro  
Em voo espetacular  
Com triunfo aventureiro

Já se passaram cem anos  
E o povo ainda conhece  
O Pavão Misterioso  
O Nordeste não esquece  
A saga de resistência  
Que a inteligência enaltece.



# O PAVÃO MISTERIOSO: UM CENTENÁRIO DE HISTÓRIA E EMOÇÃO

**POR APARECIDA CARDOSO**

O Pavão Misterioso  
Um Romance consagrado  
Na nossa Literatura  
Escrito lá no passado  
Ainda está tão presente  
Há cem anos preservado.

José Camelo de Melo  
A linguagem articulou  
Criando essa narrativa  
Ao público ele encantou  
Falando sobre um “Pavão”  
Que uma donzela raptou.

Não se pode esquecer  
História tão cativante  
Personagem fantasista  
De cunho tão relevante  
Pra cultura nordestina  
Obra significativa.



Cem anos faz de existência  
Do Pavão Misterioso  
Quem ama a Literatura  
Sabe o quão é esplendoroso  
Festejar um centenário  
Escrito maravilhoso.

O romance do Pavão  
Recorda a minha infância  
Aprendi ler soletrando  
Quando ainda era criança  
Quando lia no terreiro  
Para toda a vizinhança.

Um clássico apreciado  
Pelas famílias inteiras  
Já animou muita gente  
Quando vendido nas feiras  
Pendurados num cordão  
Figurativas bandeiras.

José Camelo escreveu  
Grande era a persistência  
Já que financeiramente  
Apresentava carência  
Só tinha apenas o sonho  
Junto à sua inteligência.

Mesmo assim não hesitou  
Em altos voos alçar  
Usando a imaginação  
Para sensibilizar  
Organizou um enredo  
Em poesia popular.

Um invento especial  
Que traz vários personagens  
Um vilão, outros bonzinhos  
Assim ficam as imagens  
De uma história apaixonante  
Em variadas roupagens.

Uma donzela vivia  
Preso em forte “cativeiro”  
O conde que era seu pai  
Era bem rico e grosseiro  
Mas surgiu Evangelista  
De posses e aventureiro.

Durante toda a história  
O pai Conde a arquitetar  
Todas formas de esconder  
Sua filha e não deixar  
Ela conhecer o mundo  
Nem pensar em se casar.

Escrever com maestria  
Competência e devoção  
Não é para qualquer um  
Com lápis, papel na mão  
É para quem tem o dom,  
Usa a mente e a emoção.

Por isso caro leitor  
Esse clássico é perfeição  
Conta algo inusitado  
Misterioso Pavão  
Que serve como transporte  
Parecendo um avião.

Esse cordel tem essência  
Sobrevive a gerações  
Mexe com a consciência  
Em todas as dimensões  
Desperta curiosidades  
Faz palpitar corações.

Quem é que não gostaria  
De uma vida feliz  
Namorar um aventureiro  
Vindo de um outro país  
Corajoso e atrevido  
Bem como Camelo diz?

Essa bela narrativa  
Serve como inspiração  
Faz o leitor refletir  
Voar na imaginação  
História imortalizada  
Do litoral ao sertão.

Mas, volto aqui a falar  
Sobre o formato e critério  
Dos quais essa narrativa  
Usou pra gerar mistério  
Final desafiador  
Por meio de rapto aéreo.

O Romance do Pavão  
Continua em evidência  
Um lindo folheto em versos  
Feitos com eficiência  
Num percurso de cem anos  
Mostra sua resistência.

Voando com o Pavão  
Que um artista habilidoso  
Construiu em poucos meses  
Logo realizou pouso  
Deixo aqui minha homenagem  
Ao autor prodigioso.

E por aqui me despeço  
Expondo minha emoção  
Em detalhar com prazer  
O Romance do Pavão  
José Camelo de Melo  
Tem minha admiração!

# CENTENÁRIO DO ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO

**POR ARNALDO MENDES LEITE**

José Camelo de Melo  
Foi um poeta engenhoso,  
Que ao escrever o romance  
Do Pavão Misterioso,  
Nem podia imaginar  
Quão seria grandioso.

Imagino que ele estava  
Deveras muito inspirado,  
Pra transformar um pavão  
Em um transporte arrojado,  
Publicando a sua história  
Em um cordel afamado.

Apesar da controvérsia  
Posta na sua autoria,  
Eu prefiro acreditar  
Sem fazer apologia,  
Que foi o José Camelo  
O mentor dessa honraria.



Já se passaram 100 anos  
Da construção desse invento.  
Lá na década de 20  
Se deu o seu nascimento  
E até nos dias de hoje  
Cumpre bem o seu intento.

A saga foi construída  
De maneira delicada,  
No formato de romance  
Estilo contos de fada,  
Despertando no leitor  
Uma leitura inspirada.

Essa história se passou  
Na tão antiga Turquia,  
Em um reino bem distante  
No tempo da monarquia,  
Onde os fatos são narrados  
Com fineza e maestria.

Se estendendo até a Grécia  
Num castelo bem distante,  
De um nobre conde afamado  
Que de maneira intrigante,  
Mantinha a sua filhinha  
Em vigilância constante.



Eu não me canso de ler  
Obra assim tão fascinante,  
Com riqueza de detalhes  
Em um cenário elegante,  
Descrito com tanto esmero  
Por esse autor importante.

José Camelo criara  
Personagens fictícios,  
Numa alegoria plena  
Carregada de artifícios;  
Grande amor que se revela  
Com todos os benefícios.

Ele conta a linda história,  
De um rapaz bem apanhado.  
Bom moço, rico e decente  
Gentil e muito educado,  
Que se lança em aventura  
Deixando seu lar sagrado.

Evangelista é o nome  
Do nosso protagonista  
Que dá início essa trama  
Com seu irmão João Batista,  
Filhos de um nobre viúvo  
Um grande capitalista

Esses irmãos receberam  
Do pai uma grande herança.  
Querendo se divertir  
O João Batista se lança,  
Em viagem pelo mundo  
Tipo, sonho de criança.

Evangelista pediu  
Pra seu irmão lhe trazer  
Da viagem um presente  
Que viesse surpreender.  
Foi então que ele lhe trouxe  
Foto do seu bem querer.

Ao receber o retrato  
Presente de seu irmão,  
Evangelista se envolve  
Em desmedida paixão,  
Se lança numa aventura  
Com grande disposição.

O retrato era de Creusa  
Donzela de fino trato,  
Que vivia em seu castelo  
Presa por um pai ingrato,  
Que não deixava ninguém  
Ter com ela algum contato.

Somente uma vez por ano  
Poderia aparecer,  
Na sacada do palácio  
Para todo mundo ver,  
Para encontrar pretendente  
Que pudesse a merecer.

Decidido Evangelista  
Pra antiga Grécia ele vai.  
Em busca do seu amor  
Tão obstinado sai,  
Pois não pode mais viver  
Sem esse amor, ele cai.

Não é meu objetivo  
Contar de novo essa história.  
Quero apenas ressaltar  
Traços dessa trajetória,  
Desse romance que está  
Tão vivo em nossa memória.

O Pavão Misterioso  
Traz à baila uma questão,  
Dos romances pitorescos  
Recheados de emoção,  
Personagens envolvidos  
Em grande amor e paixão.



Retomando a narrativa  
Pra poder continuar,  
Falando dessa proeza  
Que tanto me faz lembrar  
Lá da minha juventude,  
No meu canto, meu lugar.

Evangelista chegou  
Na Grécia no mesmo dia,  
Em que a linda donzela  
Na sacada ela saía,  
Pra poder se apresentar  
Para a toda freguesia.

Ao ver a linda donzela  
Do lugar onde ele estava,  
Foi que o moço confirmou  
Tudo que o irmão falava,  
A respeito dessa dama  
Que seu peito acalentava.

Tratou logo de encontrar  
Um artista competente,  
Que pudesse lhe fazer  
Invento bem consistente.  
Lhe indicaram Edmundo  
Um engenheiro decente.

Edmundo construiu  
Intrigante aeronave  
No formato de pavão  
Que voava sem entrave  
Conduzindo nosso herói  
Num voo bem leve e suave.

Com esse engenhoso invento  
Em prática colocou,  
O seu plano de resgate  
Que ele mesmo preparou,  
Para salvar a donzela  
De quem tanto a judiou.

Pra conquistar seu amor  
Enfrenta qualquer perigo.  
Fará tudo que puder  
Pra tê-la sempre consigo.  
Perdê-la agora seria  
Pra ele o pior castigo.

Farei aqui uma pausa,  
Pois não quero revelar.  
O que foi que aconteceu  
Depois daquele voar.  
Se você quiser saber  
Procure o cordel comprar.



Como você pode ver  
Ao ler essa narrativa  
O Pavão Misterioso  
Supera a expectativa,  
Um viajar no passado  
Em nova perspectiva.

Esse tão belo romance  
Fez surgir lá no passado,  
O imenso ardor da paixão,  
Que em cordel foi lavrado  
De forma muito elegante,  
Por esse autor consagrado.

Quem nunca leu essa história  
Procure então conhecer.  
Não perca a oportunidade  
De desfrutar do prazer  
Da leitura de um cordel  
Que se fez por merecer.

Pra aliviar a tensão  
Esse poeta vos diz,  
Nessa bela narrativa  
Que para você eu fiz:  
Creusa com o Evangelista  
Terão um final feliz.



Deixo aqui o meu abraço  
Com votos de bom proveito.  
A todos os meus leitores  
O meu mais nobre respeito.  
Viagem nesse pavão  
E vivam bem satisfeito

# PAVÃO MYSTERIOZO

## POR BENTO JÚNIOR

Lançado em 74  
No disco do mesmo nome  
O “Pavão Misteriozo”  
Virou canção de renome  
Com o cantor Ednardo  
Onde o poema ele come

Digere e faz releitura  
Do folheto renomado  
Isso em plena ditadura  
Foi até utilizado  
Como tema de novela  
Vinte vezes regravado

Novela Saramandaia  
Que quer dizer bruxaria  
Recebeu inspiração  
E seu entrecho copia  
Do Pavão Misterioso  
A sua densa magia



Grande escritor Dias Gomes  
Foi o autor da novela  
Produzida pela Globo  
Revelando em sua tela  
Personagens esquisitos  
Em criativa aquarela

Na grande telenovela  
Trabalhou Juca Oliveira  
Sônia Braga e Dina Sfat  
Também fizeram carreira  
Com Yoná Magalhães  
Nessa história brejeira

Ary Fontoura atuou  
Junto com Castro Gonzaga  
Milton Moraes, Wilza Carla,  
Nessa delirante saga  
Até Antonio Fagundes  
O seu talento propaga

Eu pretendo aqui falar  
É da canção de Ednardo  
Que na sua trajetória  
Sempre carregou o fardo  
De ser autor de protesto  
Como combatente bardo

A canção de abertura  
Dessa novela global  
É o “Pavão Misterioso”  
Um maracatu rural  
No primeiro disco solo  
Do artista genial

Ednardo mesmo conta  
Que em um dia inspirado  
Lembrou de um velho folheto  
Remetendo ao passado  
Quando era adolescente  
No seu Ceará amado

“Eu vou contar a história  
De um pavão misterioso,  
Que levantou voo na Grécia  
Com um rapaz corajoso,  
Raptando uma condessa,  
Filha de um conde orgulhoso”.

Essa a primeira estrofe  
Do cordel de aventura  
Que muito sucesso fez  
Apesar da impostura  
De muitos que consideram  
Ser sublitteratura



José Rezende, o autor,  
Procedeu então ao pouso  
Desse cordel incomum  
Com seu trabalho famoso  
Na memória literária  
O Pavão Misterioso

Vendeu dez milhões de cópias  
Tiragem fenomenal  
Para um cordel popular  
De aparência normal  
Mas que continha no enredo  
Atrativo especial

É novela, é aventura,  
Tem ação, tem amizade  
E no fundo do enredo  
De ódio e de vaidade  
Falava de independência,  
Livre-arbítrio e liberdade

Ednardo, na canção,  
Quis traçar um paralelo  
Do tempo da ditadura  
Com o eterno duelo  
Entre o bem e a tirania  
E a donzela em seu castelo

Sendo a dita donzela  
A princesa Liberdade  
Que vivia enclausurada  
Vendo o mundo pela grade  
Da militar tirania  
De alta toxidade

Ednardo fez o disco  
Como um cordel urbano  
Contando a saga de quem  
Saiu no mundo sem plano  
Inventando voo próprio  
Pra fugir do desengano

É um cordel emigrante  
Gerando seu mecanismo  
Construindo outro universo  
Para se livrar do abismo  
De uma vida sem sentido  
Numa espécie de escapismo

Tudo isso na batida  
Do maracatu escravo  
Criado em Pernambuco  
Por aquele povo bravo  
Pele negra e sol na alma  
Arte como desagravo

Maracatu sedutor  
Dos carnavais de outrora  
Leva a toada da ave  
Nessa peleja sonora  
E o Pavão Mysteriozo  
Ganha a batalha na tora

Porque tudo é mistério  
Nesse voar libertário  
Nessa cauda aberta em leque  
Brigando com o corsário  
Que roubou soberania  
Em influxo arbitrário

No escuro dessa noite  
A cantiga do Pavão  
É sua arma secreta  
Para combater o Cão  
Das profundezas saindo  
Acorrentando a Nação

Porque um conde raivoso  
Cheio de força e medalha  
Com seus canhões fraticidas  
Investe contra a gentalha  
Impondo a tirania  
A Lei Maior emporcalha

Não temas minha donzela  
Que o Pavão vai te salvar  
Por mais esquadras que tenham  
Lhes falta o dom de sonhar  
Nesse caso, eles são muitos  
Sem mestria de voar.

# VOO PARA A LIBERDADE

## POR CLAUDETE GOMES

Eu vou contar essa história  
De uma via graciosa  
Sobre uma mulher porreta,  
Esperta e bem corajosa.  
Dizem que era uma condessa  
Com ideia fabulosa.

Vivia prisioneira  
Por um pai mui cabuloso:  
Só porque tinha riqueza,  
Era muito presunçoso,  
E se achava muito esperto,  
Era mesmo pabuloso.

Por causa das suas posses  
Tentava tudo conter.  
Até sua própria filha  
Ele resolveu prender.  
E o seu belíssimo rosto  
Ele mandou esconder.

Do que adianta ter ouro?  
Eu aqui vou e pergunto.  
Felicidade não compra,  
Mesmo que tenha um mói junto.  
Um pai assim, como este,  
Não quero nem pra defunto.

Mesmo sem nada faltar,  
Em questão material,  
A condessa sempre quis  
Viver um amor real,  
Que gostasse dela mesma  
De forma celestial.

Pois, não basta ser um rei,  
Rainha ou mesmo princesa.  
É necessário coragem  
Pra se opor à realeza.  
Ir em busca de seus sonhos  
E se manter com firmeza.

Mas uma coisa é certa:  
Coragem não lhe faltava.  
Pois a condessa era astuta  
E fugir ela tramava.  
Afinal, seria justo  
Viver sem ter quem lhe amava?

Não lhe importava riqueza  
Porque já era abastada.  
Lhe faltava permissão  
Pra viver sua jornada.  
Queria ser um ser livre,  
Um pássaro em revoada.

Um dia a condessa disse:  
\_ Eu sou Creusa, “a que domina”.  
Farei valer meus direitos,  
Pois sou eu quem determina.  
Minha vida, cuido eu.  
Sou eu quem bem a destina.

Creusa era uma moça jovem,  
Filha única, mui bela.  
Mas só via o grande mundo  
Uma vez, pela janela.  
Em data determinada,  
Marcada pelo pai dela.

A moça vivia presa  
No alto de uma masmorra.  
Determinação do pai  
Cruel, que teve a pachorra  
De dizer bem que era tudo  
Pra que nenhum mal ocorra.

O que o conde não sabia,  
Que além de mulher formosa,  
Creusa era de uma esperteza:  
Sábia, muito cautelosa.  
Soube esperar o momento,  
Pois era minuciosa.

Determinada a sair  
Em busca de seu destino,  
Creusa traçou um bom plano.  
Parecia um desatino.  
Mas sabia que seu pai  
Era mesmo um bom cretino.

O conde não deixaria  
Que a filha vivesse em paz.  
Muito menos namorar,  
Conhecer algum rapaz.  
Mas, ele a subestimou.  
Não viu do que era capaz.

Creusa procurou a bruxa,  
Logo pediu solução.  
Pois viver encarcerada,  
Como dentro de prisão,  
Não podia aguentar mais  
Aquela situação.

Uma bruxa conselheira,  
Foi bem a maga escolhida.  
Da confiança do conde,  
A condessa era atrevida!  
Pois ela tinha a certeza  
Que ali teria guarida.

Assim, pediu para a maga  
Toda sua proteção.  
Sabia de seu talento  
E queria uma invenção.  
Em troca só poderia  
Dar a sua devoção.

Em resposta ao seu pedido  
A bruxa disse a verdade:  
\_ Seu pai é impiedoso!  
Eu não tenho autoridade.  
Mas eu vou lhe socorrer  
Por lhe ter sororidade.

Então, pássaro forjou  
Com sua sabedoria.  
Um “Pavão Misterioso”!  
O criou com maestria  
E todo seu esplendor  
Para um só voo. Quem diria?

Pois não é que levantou,  
E com toda majestade,  
Um bendito de um pavão,  
Com graça e suavidade.  
Na bagagem ia Creusa  
Num voo para a liberdade!

# O VOO INOCENTE NOS MISTÉRIOS DO PAVÃO

**POR CRISTINE NOBRE**

Há tempo e também espaço  
Como há vida passageira  
Há muita luz sobre a Terra  
Há gente alvissareira  
E bela vida que encerra  
Deixando dor traiçoeira

Um anjo pra ser lembrado  
Que foi voar com bravura  
Partiu na luz do luar  
Iana que era candura  
Eu vi o Pavão levar  
Essa linda criatura

Os mistérios dessa vida  
Se somam aos do Pavão  
Iana, filha primeira  
Tinha uma doce expressão  
Era contente e faceira  
Pros pais a maior paixão



Assim, Andréa e Betinho  
Estavam em plenitude  
Filho é bênção, é amor,  
É pura magnitude  
Também pode ser a dor  
Da mais alta amplitude

Uma bebê bem esperta  
Desde o seio maternal  
A sua mãe já sabia  
Que ela era especial  
Foi uma bebê sadia  
Até um encontro fatal

Algo estranho aconteceu  
Que da noite para o dia  
Ela foi ficando leve  
Pegou uma disenteria  
De comida ela fez greve  
De febre também ardia

Iana olhava pro céu  
Havia um pavão brilhante  
Vindo em sua direção  
Era belo e intrigante  
Pleno de arte e sedução  
Levou-a pra bem distante

Partiu em sono profundo  
Nas asas desse pavão  
Do Brasil para a Turquia  
Num desejo por Balão  
Iana ao vento dizia:  
“Voar é libertação!”

Saindo da Paraíba  
Desde sua Guarabira  
Partiu pra outra cidade  
A Capadócia que inspira  
Mesmo com meses de idade  
Iana voa e suspira

Primeiro foi pra Istambul,  
Nevsehir, e o seu destino  
Uma viagem encantada  
Sobre esse pavão latino  
Que ao longo da jornada  
Teve gesto muito fino

Em tudo ele a agradou  
Fez os gostos da menina  
Pra ela não faltou nada  
Nem mesmo flor matutina  
E se ficasse frustrada  
Ele a levava pra China

Mais alto até voaria  
Atravessando oceanos  
Por essa doce amizade  
Mudava também seus planos  
Era grande a afinidade  
Além dos olhos humanos

Seu desejo era uma ordem  
Pros ouvidos do Pavão:  
“-Eu quero ir pra Turquia,  
Eu quero andar de Balão”  
A cada instante insistia,  
Iana de opinião

Na Capadócia chegaram  
Depois de longa viagem  
Queria outra investida  
Diferente da plumagem  
Num Balão esparecida  
Para ver nova paisagem

Subiu só no seu balão  
E com muita ansiedade  
Pensou logo nos seus pais  
Foi batendo uma saudade  
Quis ter seus voos astrais:  
Por pura ingenuidade!

Mil metros foi a altura  
Que subiu o seu balão  
Viu logo o vale do amor  
Com uma intensa emoção  
Enrolada em cobertor  
Olhou um extinto vulcão

Admirada com tudo  
Iana viu vilarejos  
O de Goreme e Uchisar  
Do seu balão com lampejos  
Viu rochas pra se encantar  
Para suprir seus desejos

Mas tudo que sobe, desce  
E o que começa, termina  
Bem na hora da descida  
Escapou adrenalina  
É chegada e é partida  
É vida de estrada e sina

Iana realizada  
Ao pavão agradeceu  
Com as chaminés de fada  
Seu olhar também bateu  
Como uma linda alvorada  
Cujo brilho não perdeu

Um lugar bom pra sonhar  
Um sonho bem pueril  
A Anatólia Central  
Tem um céu de azul anil  
Um cenário surreal  
Diferente do Brasil

Cidades subterrâneas  
Existem lá na Turquia  
Uma formação rochosa  
Um tempo de ventania  
Muita caverna formosa  
Lugar que me agradaria

Lugar que agradou Iana  
E que agradou ao Pavão  
Que criou muita história  
Rica de imaginação  
Pra se guardar na memória  
E em nosso coração

Nessa divina viagem  
Um encontro aconteceu  
Pois eis que a menina avista  
Alguém conhecido meu  
De nome Evangelista  
Que aqui no Brasil viveu

Casou-se com uma condessa  
A Creusa, sua paixão  
Com ela ganhou o mundo  
Nas asas de um Pavão  
Construído por Edmundo  
Com toda dedicação

A ideia de Edmundo  
Inspirou José Camelo  
O Fábio, Anne e Cristine  
Com poesia, com zelo  
Para que o cordel culmine  
Como o Pavão sem apelo

Pra ver a graça de Andréa,  
A alegria de Betinho  
Para renascer a Iana  
Que ficou noutra cantinho  
Pra vir à luz Mariana  
E o João, outro filhinho

Pra recontar esta história  
De Iana Melo Claudino  
Com onze meses de idade  
Ainda um ser pequenino  
Que deixou grande saudade  
Após o voo repentino

Evangelista me disse  
Que a viu entre os troianos  
Contou segredo guardado  
Após quase vinte anos  
O Pavão vive ao seu lado  
Pra protegê-la de enganos.

# O PAVÃO QUE VIROU DRONE

**POR DALMO OLIVEIRA**

O Pavão Misterioso  
Tem muita interpretação  
No espiritualismo  
A figura do pavão  
No ramo do Candomblé  
É de Oxóssi a expressão

Deus caçador da floresta  
Oxóssi chama fartura  
E o pavão é a ave  
Que representa à altura  
O Orixá da riqueza  
Em grande desenvoltura

Na mitologia afro  
O pavão é uma ave  
Que é símbolo solar  
E um elemento chave  
Com sua cauda em roda  
Como uma cosmonave



Ele vem representar  
A ave-sol da beleza  
A plumagem multicolor  
Explodindo em boniteza  
Refletindo o universo  
Com toda sua nobreza

Ao levantar voo da Grécia  
O pavão universal  
Saiu da terra dos deuses  
Para combater o mal  
Simbolizando a paz  
E o amor natural

O pavão evoluiu  
Todo cheio de mistério  
Superando obstruções  
E atacando império  
Pois a força natural  
Vence a morte e o cemitério

Na Grécia, a deusa Hera  
O mito da vaidade  
Que era esposa de Zeus  
Querendo ter a verdade  
Se transformou num pavão  
Por ter grande afinidade

Com as penas do pavão  
Para saber da verdade  
Se Zeus praticava mesmo  
Constante infidelidade  
E assim se revelou  
Sua má idoneidade

O pavão era o vigia  
Que a deusa colocou  
Perto da sacerdotisa  
Que o ciúme provocou  
Em Hera, tão possessiva  
E se Zeus prevaricou

A cauda de muitos olhos  
Do pavão misterioso  
Que levantou voo da Grécia  
Trouxe esse tom bilioso  
Para combater o mal  
E o poder sedicioso

O tal rapaz corajoso  
Que vivia na Turquia  
Em um clima mafioso  
Se insurgiu certo dia  
Quis guerrear com o grego  
Que seu poder coibia

Pois a Turquia e a Grécia  
São históricos rivais  
Os cristãos e otomanos  
Não se entenderam jamais  
Fronteira e religião  
E seus diversos ramais

Pavão simboliza a paz  
E o cordel fala disso  
O romance do pavão  
Apresenta o compromisso  
De celebrar o amor  
Sem querer ficar omissos

Pavão-azul a espécie  
Ou o pavão-congolês?  
Ou seria o pavão-verde?  
No folheto, qual dos três?  
Essa pesquisa, confesso,  
Meu pesquisador não fez

Mas eu acho que o pavão  
Do folheto de Resende  
Que raptou a donzela  
Do sonho ele descende  
Inexiste como bicho  
A estranheza surpreende

Apesar do longo voo  
Pelos céus universais  
O pavão não aterriza  
Nas elites nacionais  
Não sabem que a obra é  
Uma das fundamentais

Para se entender de fato  
A formação literária  
Do nosso Brasil real  
De uma nação agrária  
Nos cafundós do país  
De gente extraordinária

Raptaram a bela Creusa  
Mas não foi com um pavão  
O instrumento moderno  
Era um “cavalo do cão”  
Uma máquina possante  
No formato de avião

No moderno aeroplano  
Evangelista venceu  
O atraso e a decadência  
De um conde fariseu  
E o pavão de Zé Camelo  
Representa o apogeu

Da invenção do artista  
Pois voou na horizontal  
Não tinha naquele tempo  
Foi “sacação” genial  
Isso pensado há cem anos  
Mostra seu potencial

Essa história é ficção  
Quando leio fico insone  
Uma visão futurista  
E não há quem desabone  
Escrever com mil detalhes  
A profecia de um drone.

# ESTRELA DA POESIA E O PAVÃO MISTERIOSO

## POR DALVA MENDONÇA

Escrevo este cordel  
Pedindo a Deus glorioso  
Sossego e sabedoria  
Alegria para o povo  
Festejando o centenário  
Do Pavão Misterioso

Mandar minha saudação  
Para um autor bem famoso  
José Camelo de Melo  
Com seu cordel primoroso  
Contando o sonho irreal  
Do Pavão Misterioso

José Camelo de Melo  
Morador de Guarabira  
Há cem anos construiu  
Saindo da sua lira  
Uma bela fantasia  
Que seu pensar transmitira



O excelente artista  
Com maestria conduz  
A história do pavão  
Que a todo mundo seduz  
É filho de Guarabira  
Que é a terra da luz

Exaltando os cem anos  
Neste meu cordel eu ousou  
Escrever esses versinhos  
Sobre o folheto charmoso  
A grande celebridade  
O Pavão Misterioso

O famoso aeroplano  
Inventado pelo autor  
Nada mais é que um drone  
Ou avião a vapor  
Que se tornou a estrela  
Dessa história de amor

Para libertar a Creusa  
A sua princesa amada  
O herói tudo inventou  
Para vê-la libertada  
Hoje seria tão fácil!  
A moça mais liberada...

Hoje em dia essa princesa  
Seria sensacional  
E nas redes sociais  
O sucesso era total  
Recebia até visita  
Da Polícia Federal

Aquele avião-pavão  
Tinha motor e alavanca  
Com um comando avançado  
E uma bela carranca  
Com fonte de energia  
Comprada na zona franca

Os jovens de hoje em dia  
Devem ler esse folheto  
Do Pavão Misterioso  
Que é quase um amuleto  
Todo leitor do pavão  
Tem sucesso e sai do gueto

A história do pavão  
Um milagre brasileiro  
Vendeu milhares de cópias  
Esse belo romanceiro  
Depois de mais de cem anos  
Mantém seu cartaz inteiro

É uma simples história  
De aventura e paixão  
Elementar, transparente  
Sem grande complicação  
Que encantava o leitor  
Do litoral ao sertão

O leitor daquele tempo  
Gostava de muita ação  
Histórias fantasiosas  
Com muita imaginação  
Por isso que adorava  
Jerônimo, herói do sertão

Outras novelas de rádio  
Que a população ouvia  
E o Pavão Misterioso  
Um interesse incluía  
Ao conceber o futuro  
Com a tecnologia

Ao levantar voo da Grécia  
Pousando lá na Turquia  
O pavão misterioso  
Grande segredo trazia  
A forma de se manter  
Tão atual hoje em dia

José Camelo de Melo  
Com sua coragem e fé  
Enfrentou muitas batalhas  
Atravessou a maré  
Pousou na minha cidade  
A querida São José

E de São José dos Ramos  
Eu com prazer anuncio  
Que o pavão está bem vivo  
Ninguém mexe com seu brio  
Vai ser a maior estrela  
Lá do “Caminhos do frio”

Eu viajei à Turquia  
Montada na fantasia  
Conheci todo cenário  
Daquela grande porfia  
E desvendei o litígio  
Da verdadeira autoria

Conversei muito com Creusa  
Ela me disse com zelo  
Que o exato criador  
Desse folheto modelo  
Tem um nome sobrenome:  
O poeta Zé Camelo



Termino aqui meu poema  
Sobre essa geringonça  
O Pavão Misterioso  
Brabo e sagaz como onça  
Recebam um forte abraço  
Com amor, Dalva Mendonça.



# PAVÃO MISTERIOSO NA VERSÃO ZÉ LIMEIRA

**POR EDUARDO NASK**

Agradecendo o presente  
desta nossa Academia  
Junto com a UEPB  
Quero aqui com alegria  
Falar do nobre Pavão  
Que decolou da Hungria

Carregava no seu lombo  
Uma condessa e um conde  
Dois reis e duas rainhas  
E uma linha de bonde  
Um marechal, um juiz  
Um Papa, padre e visconde

O dono deste pavão  
Morava lá na Turquia  
Tirava as penas do bicho  
Para fazer fantasia  
Do carnaval carioca  
Vendida numa bacia



O velho tinha dois filhos  
Um deles Evangelista  
O outro foi batizado  
Com o nome João Batista  
Que chegou a general  
Na ditadura fascista

Um dia esse João Batista  
De alcunha Figueiredo  
Resolveu pegar descendo  
Viajou logo bem cedo  
No paquete trem das sete  
Para aventura sem medo

Destinou-se ao Japão  
Passando em Serra Talhada  
Entrou pela Paraíba  
Terra bastante afastada  
Onde peru dava coice  
Coca-cola era encanada

Numa cidade chamada  
São José da Esparrela  
João Batista conheceu  
Uma bonita donzela  
Que o povo chamava Creusa  
Virgem, rica e muito bela

O problema é que o pai dela  
O coronel Zeca Estrume  
Criou a moça escondida  
Pois morria de ciúme  
Vivia numa mansão  
Em cima de um grande cume

João Batista quando viu  
O retrato da mocinha  
Mandou mensagem ao irmão  
Na cumbuca de farinha  
Quando Evangelista viu  
Perdeu o tino que tinha

Disse: vou casar com ela  
Mesmo o pai sendo uma fera  
Sequestrarei a princesa  
Pairando na atmosfera  
Montado num urubu  
Mas não perco essa paquera

Vendeu tudo quanto tinha  
Vestiu belo manequim  
Viajou à Paraíba  
Pela Itapemirim  
Quando chegou na cidade  
Encontrou grande motim

O pai da moça princesa  
Ficou sabendo do plano  
Cercou a propriedade  
Para evitar qualquer dano  
Ameaçou dar um golpe  
Como general tirano

Botou a tropa na rua  
Decretou um AI-5  
Isolou mais a mocinha  
Mandou quebrar todo trinco  
Sequestrou as joias dela  
Só deixou um par de brinco

Evangelista mandou  
Fabricar um avião  
Helicóptero maluco  
Em forma de um pavão  
Movido a gás liquefeito  
De bosta de gavião

O pavão foi equipado  
Com duas metralhadoras  
Um canhão de raio laser  
E bombas arrasadoras  
Feixe eletromagnético  
Centelhas demolidoras

O pavão partiu danado  
Com grande velocidade  
Em apenas dois segundos  
Pousou na dita cidade  
Atacou a cidadela  
Com toda serenidade

Pegou a moça e fugiu  
Foi casar na Galileia  
Um engenho em Pernambuco  
Viajando na boleia  
Do pavão misterioso  
Mas devido a cefaleia

A moça não quis coisar  
Só quis lhe dar um abraço,  
O rapaz se enfureceu  
“Me fizeram de palhaço!”  
Depois de tanto trabalho  
Continuar no mormaço.

A princesa engravidou  
Por um fenômeno raro  
Sem ter tido relações  
Mas ele lhe deu amparo  
Nasceu um baby infernal  
Deram o nome “Pavaro”

Deu crise familiar  
O rapaz muito sutil  
Mandou a sua consorte  
Para um lugar bem hostil  
Ficando a pobre da Creusa  
Esquecida no Brasil

O doutor Evangelista  
Viajou para o oriente  
Comprar e vender petróleo  
Na terra do sol nascente  
Levou o pavão com ele  
Como moeda corrente

O pavão misterioso  
Na Arábia Saudita  
Agradou ao rei de lá  
Que ofereceu pepita  
De ouro e diamante  
Da sua herança maldita

Deu colar e bracelete  
Pingente e gema de ouro  
Só faltou mesmo entregar  
Um brilhante de besouro  
Para ficar com o Pavão  
Um verdadeiro tesouro

Ao chegar no seu país  
A confusão foi geral  
A muamba do oriente  
Faltando nota fiscal  
Socaram peça de ouro  
Até dentro do bocal

Esconderam os ornamentos  
No Pavão Misterioso  
A nave muito suspeita  
Espaço luxurioso  
Até cocaína acharam  
Em grande contencioso

O Pavão Misterioso  
Nunca mais voou de novo  
Derrotado na eleição  
Por um tal de Zé-do-Povo  
E essa grande façanha  
Neste folheto promovo

O conde foi derrotado  
Junto com o seu Pavão  
O doutor Evangelista  
Enfrentou acusação  
Foi depor na CPI  
Sobre seu golpe de mão

Creusa virou protestante  
Falando língua estranha  
Mas o povo do lugar  
Conhecendo sua manha  
Botou ela na berlinda  
Entrou em papo de aranha

O Pavão Misterioso  
Teve o mistério desfeito  
O segredo do esquema  
Como fruto putrefeito  
Se revelou de repente  
Injuriando o Direito

Quando D. Pedro Segundo  
Governava Itabaiana  
Chico da Mata ficou  
Com dona balzaquiana  
Essa velha me contou  
Como rodaram a baiana

A família do Pavão  
Fugiu daqui num jumento  
Imbrochável e inegável  
Com pouco discernimento  
Tomou o rumo do inferno  
Diz o Novo Testamento

O Pavão Misterioso  
Com grande constrangimento  
Virou urubu malandro  
Por ser um mau elemento  
Será trancado na cela  
Diz o Novo testamento

# ROMANCE DO PATO MISTERIOSO

## POR FÁBIO MOZART

Faz cem anos que escreveram  
O Pavão Misterioso  
Um romance de cordel  
Que ficou muito famoso  
E eu aqui apresento  
Este pato buliçoso

Que vai bulir com a história  
Do renomado folheto  
Nova versão da autoria  
Agora eu submeto  
Aos entendidos do tema  
Neste humilde livreto

José Camelo Resende  
Reivindica a autoria  
João Melchíades Ferreira  
Era dono da franquia  
Assinava como autor  
Iniciando a porfia



Leandro Gomes de Barros  
Foi o autor verdadeiro  
Do romance do pavão  
Atrapalhando o roteiro  
Conforme me disse alguém  
Atiçando esse braseiro

José Camelo Resende  
Um cantador de viola  
Sentia dificuldade  
De produzir na cachola  
Poemas de qualidade  
Pegava então na sacola

Romances, canções e trovas  
Sem ser de sua autoria  
E cantava com o parceiro  
Em todo canto onde ia  
E o Pavão Misterioso  
Ficou sendo a trova guia

Assim o José Camelo  
De tanto cantar Pavão  
Expropriou o romance  
Em suma, “passou a mão”  
Esquecendo o verdadeiro  
Autor da bela canção

João Melchiádes Ferreira  
Um poeta e cantador  
Natural de Bananeiras  
Com fama de lutador  
Sentou praça na milícia  
Foi sargento com louvor

Brigou na guerra em Canudos  
Foi cruenta sua lida  
Chegando na Paraíba  
Achou de ganhar a vida  
Vendendo folheto em feira  
Na sua terra querida

Com o dinheiro apurado  
Na campanha militar  
Ferreira foi a Camelo  
Pra comercializar  
Ganhou então o folheto  
Em um jogo de azar

Assim nesse carteadado  
José Camelo perdeu  
O folheto do Pavão  
Que jamais lhe pertenceu  
Passando João Melchiádes  
A reputar como seu

No ano de 27  
Camelo teve um problema  
Com o fisco da Paraíba  
Para fugir da algema  
Partiu para o Rio Grande  
Em agonia extrema

Enquanto estava sumido  
No Rio Grande do Norte  
Camelo ficou sabendo  
Que se agravou sua sorte  
Pois João Melchíades Ferreira  
No bolso fez grande aporte

Publicou o tal folheto  
Que fez bastante sucesso  
José Camelo sabendo  
Do Rio Grande egresso  
Lançou também seu romance  
Deixando, entretanto, expresso

Que a obra era dele  
E não “de ladrão de feira”  
O acróstico assinando  
Como marca verdadeira  
E que a produção não era  
De João Melchíades Ferreira

Enquanto isso, nas feiras  
E mercados populares  
O romance do Pavão  
Ia subindo altares  
Adorado pelo povo  
Nas igrejas, sítios, bares

O folheto renomado  
Virou carta de ABC  
Abecedário matuto  
Mais que obra de lazer  
Onde o matuto encantado  
Ria e aprendia a ler

O certo é que o Pavão  
Mantém o encantamento  
Não importa a autoria  
Este ou aquele argumento  
E no presente folheto  
Novo roteiro sustento

Eu diria: Vou contar  
A história de um pato  
Que jamais voou da Grécia  
Porque enfim eu constato  
Que pato não esvoeja  
É um patureba chato

Não tem charme nem beleza  
O pato do meu romance  
Como uma ave babaca  
É bicho de pouco alcance  
Que anda se rebolando  
Defecando e dando lance

O pato tem um detalhe:  
Possui a cloaca baixa  
Vai raspando pelo chão  
E defecando na faixa  
Se o pato caga em alguém  
Essa pessoa rebaixa

Está abaixo de tudo  
Quem foi cagado por pato  
Significa que está  
Mais baixo do que um rato  
É um sujeito sem sorte,  
Malsucedido, é um fato

O pato não pode alçar  
Um voo mais elevado  
É da sua natureza  
Ser pequeno e atrasado  
Pois esse pato voou  
Seu voo desengonçado

Sobrevoou por descuido  
Em uma nação vazia  
Com um povo sem noção  
Do termo democracia  
Acreditaram que o pato  
Esta nação salvaria

O pato misterioso  
Não tinha nenhum mistério  
Era uma ave tirana  
Cuja ação sem critério  
Matou quase um milhão  
Em movimento funério

Disse: “é uma gripezinha”  
Diante da pandemia  
Brasileiro não pegava  
Debochou de quem morria  
Enquanto isso o vírus  
O território varria

Esse pato manco e ruim  
Disse: “Eu não sou coveiro”  
Sobre os mortos do Covid  
Mangando do brasileiro  
Negando até a vacina  
Em ato vil, traiçoeiro

Matador profissional  
Como ele mesmo confessa  
O pato tirano e mau  
A nação inteira estressa  
Libera arma e veneno  
Em atitude possessa

O pato, mau militar  
Queria de todo jeito  
Que as nossas Forças Armadas  
Interferissem no pleito  
Garantindo a eleição  
E que o pato fosse eleito

A história desse pato  
Ainda não acabou  
Ele pagará por tudo  
Que no país provocou  
O genocídio dos índios  
Que por certo ele bancou

Nosso povo alienado  
Por força ou ignorância  
Que votou no pato vil  
Cheio de ódio e arrogância  
Não pode pagar o pato  
Em nenhuma circunstância

E o criador do “Pavão”  
É mesmo José Camelo  
Quem me garante é Silvinha  
Poeta de muito zelo  
Pela memória da lenda  
Que é seu herói e modelo.

# DESABAFO DO PAVÃO

## MISTERIOSO

**POR GILBERTO BARAÚNA**

Peço a todos os Anjos  
Ao nosso Pai Poderoso  
Para contar a história  
Dum pássaro majestoso  
Desabafo, verso e prosa  
Do Pavão Misterioso.

O Pavão quer nos lembrar  
De quem o alforriou:  
José Camelo de Melo  
Da própria mente o criou  
E nas asas do pavão  
Lá para a Grécia voou.

O Pavão pede licença  
Para se apresentar.  
Ele diz: “Sou um Pavão,  
Vivo no mundo a voar  
Passando de mão em mão  
Isto é elementar.



Nesta minha longa vida  
Muita gente já me viu.  
Dizem que nasci na Grécia  
Porém, isto é *fake new*.  
Eu nasci em Pilõezinhos,  
Na Paraíba, Brasil.

Em um oito, oito cinco  
Nasce na zona rural,  
Povoado Pilõezinhos,  
Guarabira vicinal,  
José Camelo de Melo  
Com saúde e bom astral.

José foi quem me criou  
Com sua alma serena  
Em um nove vinte e três  
Numa escrita pequena  
No auge da mocidade  
E a consciência plena.

Fui gestado pelo sonho  
Mais que imaginativo  
Que após se transformou,  
Surreal, denotativo,  
Porém bonito, pomposo  
Verdadeiro, taxativo.

Pois eu já nasci completo,  
Lindo Pavão voador.  
Uma máquina altiva,  
Majestosa sim senhor,  
Única em todo mundo  
Que possuía motor,

Luzes, botões, alavancas,  
Tudo isso possuía.  
Tinha blindagem secreta  
Que de longe ninguém via.  
Descia devagarinho  
E nem zoadá fazia.

Primeira experiência  
Não podia imaginar  
Que fosse tão duradoura  
E longa pra se chegar:  
De Guarabira pra Grécia  
Até o desembarcar.

Sócrates nasceu na Grécia,  
Um filósofo antigão,  
Que teve como discípulo  
O conhecido Platão,  
Com seus temas de Justiça,  
Amor, Política e Gestão.

Em toda minha mecânica  
Eu fui aperfeiçoado  
Pelo Dr. Edmundo,  
Grande sábio renomado,  
Pra que eu pudesse voar  
Pra cima, pra frente e lado.

Eu sobrevoei florestas,  
Rios, mares, oceanos.  
Pairava por sobre as nuvens  
Igual os aeroplanos.  
Lá de cima avistei  
Aqui embaixo os humanos.

Lá de cima contemplei  
Todo nosso continente.  
De lá também vislumbrei  
Vários lugares decentes.  
Voava a qualquer lugar  
Que precisassem da gente.

Me envolvi numa trama  
De pessoa quando ama,  
Aventura amorosa  
Que me rendeu muita fama,  
Dum rapaz com sua amada.  
Ficou legal esse drama.

Fui usado por um turco  
Nomeado Evangelista  
Que junto com seu irmão  
Chamado de João Batista  
Embarcaram na missão  
Com grande fogo de vista.

Sabe o que aconteceu?  
O Batista viajou  
Longe, para a Grécia antiga,  
E lá na Grécia comprou  
Uma foto bem singela  
E ao irmão ofertou.

Quando ele viu a foto  
Ficou gamado por ela.  
Evangelista me usou  
Pra raptar a gazela  
E Evangelista casou  
Com a bonita donzela.

A minha vida mudou  
Depois do acontecido.  
No Brasil, em todo mundo  
Fiquei muito conhecido.  
A vocês, vou confessar,  
Eu fiquei agradecido.

Minha história foi parar  
Lá na Universidade,  
Em Portugal, França, Espanha,  
Brasil, em toda cidade,  
Estudada por doutores.  
Essa é a realidade.

Daí eu virei história  
De folheto de cordel  
Vendido nas feiras livres  
Em folhinha de papel,  
Muitas cópias revendidas  
Por poeta menestrel.

Conhecido no sertão  
E por todos do agreste,  
Norte do nosso Brasil,  
Em todo o Sul, Leste, Oeste,  
Eu vou a qualquer lugar  
Pois eu sou cabra da peste.

E eu até já fui tema  
De alguns dos musicais  
Nas telinhas da TV,  
Das novelas radicais  
E sempre fui bem aceito  
Em qualquer um dos canais.

Eu até já virei filme  
Nas mãos de Ciro Toledo.  
Já estive no teatro,  
Disso nunca tive medo,  
Servi de divertimento,  
Até servi de brinquedo.

E nas escolas de samba  
Eu desfilei de bom grado.  
Marquês de Sapucaí,  
Eu fui homenageado  
Lá no Rio de Janeiro  
Onde fiquei consagrado.

Eu também fui retratado  
Por artistas de linhagem  
Por causa da minha história,  
Também por minha plumagem.  
Até João Oliveira  
Usou a minha imagem.

Meus conterrâneos também  
Tiveram o mesmo tino  
Clovis Jr., João Domingos,  
Bizerril, Paulo Gracino,  
Nosso professor Elias,  
Cultores do paladino.

Eu vou completar cem anos  
Em dois mil e vinte e três.  
Essa minha grande festa  
Vai depender de vocês.  
Debaixo das minhas asas  
A todos eu guardarei.

Já é hora de voltar  
Ao meu berço natural:  
Pilõezinhos, Guarabira,  
A minha terra natal.  
Foi aqui que eu nasci  
Pra mim foi essencial.

Rever os meus conterrâneos  
Descansar, pegar um brilho  
Tudo pra recomeçar  
A vida de andarilho.  
Um sentimento profundo  
E sempre no mesmo trilho.

Na terra onde eu nasci  
Quero ser reconhecido,  
Por todos os meus irmãos  
Pretendo ser recebido  
Com uma festa bonita  
Bravo Pavão renascido.

Aqui vou me despedir  
Recolho-me pra descansar.  
Onde eu vou residir  
Um cochilo vou tirar  
Na casa de Bizerril  
Até a festa chegar.

# O PAVÃO MISTERIOSO É FICÇÃO CIENTÍFICA

## POR GORRIÓN DA RABECA

O Pavão misterioso  
Ditado por marcyanos  
É um clássico ancestral  
Que superou todos planos  
Nascido na Paraíba  
E já completou cem anos.

Da língua dos lusitanos  
Este é o cordel mais brilhoso  
José Camelo de Melo  
Contou de modo pomposo  
Esta bendita epopeia  
Do Pavão Misterioso.

Um poema cobiçoso  
De grande repercussão  
O cordelista Camelo  
Antecipou a visão  
De uma tecnologia  
Só existente em ficção.



Era um homem de visão.  
Eu digo que este pavão  
Foi a obra mais perfeita  
Que houve em cima do chão.  
José Camelo de Melo  
Visionário cidadão.

Antes mesmo do avião,  
E do foguete estrear  
Até então ninguém viu  
Transporte de asa voar  
Então foi José Camelo  
Que ousou disso falar.

Eu só posso elogiar  
Camelo por essa ideia  
Pois se fosse americano  
Era a maior odisseia,  
Mas como ele é brasileiro  
É pouca a sua plateia.

Mas é dele a bela estreia  
Do gênero ficcional  
Superou americanos  
Com seu pavão magistral  
Uma máquina voadora  
Como nave espacial.

O pavão é sem igual  
Foi o primeiro no mundo  
Construído com esmero  
Pelo engenheiro Edmundo  
Com missão especial  
Um amor grande e profundo.

Eu digo e não me confundo,  
Foi bonita esta invenção  
O pavão misterioso  
Inspirou até o balão  
Mudou a visão do mundo  
E fez surgir o avião.

Usando a imaginação  
Através do personagem  
Camelo foi muito ousado  
Ao descrever a imagem  
Deste pavão voador  
Para uma louca viagem.

E para sua montagem  
Ele usou da ilusão  
O pavão se desmontava  
Só com uma operação  
Bastava seu condutor  
Acionar um botão.

E com esta execução  
Ninguém ainda pensava  
Num transporte que voasse  
Grande distância alcançava  
E para causar suspense  
A invenção não zoava.

Este pavão que voava  
Leve semelhante ao vento  
Que da mente de Camelo  
Teve lá seu nascimento  
Fez sucesso no passado  
E ainda faz no momento.

Um romance de talento  
Que damos todo valor  
O pavão foi construído  
Com esmero e com primor  
E surgiu com o motivo  
De consagrar o amor.

Tiro o chapéu pro autor  
Pela formidável arte  
O romance no cordel  
Tornou-se lindo estandarte  
Outro do tamanho deste  
Não se encontra nem em Marte.

O grande artista Edmundo  
Desenhou nova invenção  
Fazendo um aeroplano  
De pequena dimensão  
Fabricado de alumínio  
Com importante armação.

Movido a motor ativo  
E tanque de gasolina  
Com locomoção macia  
Que não tocava buzina  
A obra mais importante  
Que fez em sua oficina.

Tinha cauda como leque  
As asas como pavão  
Pescoço, cabeça e bico  
Alavancas e botão  
Voava igualmente ao vento  
Para qualquer direção.

Quando Edmundo findou  
Disse a Evangelista:  
— Sua obra está perfeita  
Ficou com bonita vista  
O senhor tem que saber  
Que Edmundo é artista.

— Eu fiz o aeroplano  
Da forma de um pavão  
Que arma e se desarma  
Comprimindo em um botão  
E carrega doze arrobas  
Três léguas acima do chão.

Foram experimentar  
Se tinha jeito o pavão  
Acionaram a chave  
Encarcaram num botão  
O monstro girou suspenso  
Maneiro como balão.

O pavão, asas abertas  
Partiu com velocidade  
Coroando todo o espaço  
Muito acima da cidade  
Como era meia noite  
Voaram mesmo à vontade.

Então disse o engenheiro:  
— Já provei minha invenção  
Fizemos a experiência  
Tome conta do pavão  
Agora o senhor me paga  
Sem promover discussão.

Perguntou Evangelista:  
— Quanto custa o seu invento?  
— Dê-me cem contos de réis  
Acha caro o pagamento?  
O rapaz lhe respondeu:  
--- Acho pouco. Dou duzentos!

Edmundo ainda deu-lhe  
Mais uma serra azougada  
Que serrava caibro e ripa  
E não fazia zoadá  
Tinha os dentes igual navalha  
De lâmina bem afiada.

Então disse o jovem turco:  
— Muito obrigado fiquei  
Do pavão e dos presentes  
Para lutar me armei  
Amanhã à meia-noite  
Com Creusa conversarei.

O bardo fez sua parte  
E mostrou ser futurista  
Muito à frente de seu tempo  
Com seu invento utopista  
O pavão foi inventado  
Para o bem de Evangelista.

Sua condessa elitista  
Possuía seu valor  
Que tinha por nome Creusa  
Uma moça de pudor  
O pavão misterioso  
Foi o pavão do amor.

Naquele todo fervor  
Fez a bela decolagem  
Evangelista valente  
E dotado de coragem  
Transportou a bela Creusa  
Fez a primeira viagem.

Depois daquela miragem  
O mundo todo acordou  
Inventaram  
o balão  
Que pelos ares voou  
E depois veio o avião  
Que se popularizou.

A semente germinou  
Com toda aquela paixão  
Científico saber  
Foi ganhando evolução  
Viva Creusa e Evangelista  
Que voaram no pavão!

# NAS ASAS DO PAVÃO MISTERIOSO, O VOO DA LITERATURA DE CORDEL

**POR JULIANA SOARES**

Num voo rasante, perfeito,  
Quase que tocando o chão,  
Todo elegante e bonito,  
Veio de longe um pavão.  
Em suas asas, cordel,  
Para enfeitar meu Sertão.

Ora em noite enluarada,  
Ou no pingo de “mei” dia,  
No céu repleto de estrelas  
Ou na madrugada fria,  
Também na boca da noite,  
Cintilava a poesia.

Sempre muito reluzente,  
Faceiro, belo, charmoso,  
E rasgando a escuridão  
Com seu jeito majestoso,  
Fácil de se imaginar  
O pavão misterioso.



Carregava um grande amor  
Difícil de acontecer,  
De Evangelista e a condessa,  
Que ninguém podia ver.  
Mas, da sorte já traçada,  
Eu duvido se esconder.

Começou em vinte e três,  
A voar no firmamento.  
Mil novecentos, foi tempo  
Do pouso de um casamento,  
Que venceu o mal destino,  
A tristeza e o desalento.

Deixou tudo para trás.  
Quis assim recomeçar  
Com Creusa e Evangelista  
Que estavam nele a voar.  
Na beleza do cordel  
Fizeram seu repousar.

O pavão saiu da Grécia,  
Cumpriu bem a sua sina.  
Foi lembrado e conhecido  
Nessa terra nordestina  
Com força e resiliência  
De quem sempre se destina.

Voando pelo Nordeste,  
Encontrou logo guarida  
No coração do poeta,  
Rimando a própria vida.  
Seguiu viagem no tempo,  
De chegada e de partida.

Na força do pensamento,  
Pousa sem mandar recado  
E vem trazendo consigo  
Num barbante pendurado  
As histórias de vilões  
Ou mocinho apaixonado.

São folhetos de cordel  
Vindos lá de Portugal  
Com antigos trovadores  
E, nesse voo especial,  
Tombados pelo Brasil  
Patrimônio Cultural.

Com versos metrificados  
Na régua da inspiração,  
Vendidos em feiras livres,  
A toda a população,  
Declamados com a voz,  
E o pulsar do coração.

No poeta cordelista  
Que sente como menino,  
Sonha, sofre, vive a vida  
Rompe todo desatino,  
E, muitas vezes na dor,  
Vai cumprindo seu destino.

E também na cordelista  
Que resiste bravamente  
Ao preconceito, machismo,  
Construído socialmente  
Como praga, em todo canto,  
Que mata literalmente!

Tem Leandro\* e tem Maria\*\*,  
Importantes precursores  
Dessa arte tão bonita.  
Verdadeiros professores  
Ensinando as gerações  
Do cordel, serem doutores.

Os folhetos apresentam  
Rima, métrica, oração,  
Sem faltar conhecimento  
Nem tampouco informação,  
Tem humor e tem encanto,  
Denúncias, superação,

Cultura, Diversidade,  
Saúde, Meio Ambiente.  
Nos causos de assombração,  
Histórias da nossa gente,  
Lendas, Mitos e Folclore,  
O cordel é abrangente.

Escritos com a caneta  
Da cultura popular,  
Nas marcas da oralidade,  
O tempo, a hora e o lugar,  
Nos enredos, nas histórias  
Em cada triste penar.

Ilustrados com a tinta  
Da arte em xilogravura,  
Entalhada na madeira,  
A marca, bela gravura  
Carimbada no papel,  
Completa a literatura.

No cordel se voa longe,  
Onde a vista não alcança,  
Onde o pensamento vai,  
Onde mora a esperança,  
Nessa riqueza que foi  
Nos deixada como herança.

São cem anos dessa história  
Desse voo esplendoroso,  
De Creusa e Evangelista  
Num romance grandioso  
Que possamos celebrar,  
O pavão misterioso!

\*Leandro Gomes de Barros

\*\*Maria da Neves Baptista Pimentel

# ZÉ DO PAVÃO

## POR MÁRCIO BIZERRIL

Usarei as minhas rimas  
Nesta terra da cultura  
Voarei neste cordel  
No céu da literatura  
O meu tema é José  
Que foi homem de bravura.

Zé nasceu em Pilõezinhos  
Lá no meio da jaqueira  
Caçou jia, pegou peba  
Foi solto na buraqueira  
Tomou banho no Cajá  
Cacimba lá da ladeira

No ano de 85  
Nasceu o nosso poeta  
Dia doze, treze ou vinte  
Nem sei a data correta  
Só sei que foi em abril  
Tendo o cordel como meta

Esse Zé aqui citado  
Que ora faço menção  
Foi o cabra que escreveu  
O folheto do pavão  
Que na mídia é lembrado  
Como a grande sensação

José Camelo de Melo  
Foi um homem educado  
Limpou mato, tombou lenha  
No verso foi aprovado  
Trabalhou de carpinteiro  
Mais tarde foi consagrado.

Eu acho que Zé Camelo  
Sofreu muito, camarada!  
Ninguém lhe dava o apoio  
Mas seguiu sua estrada  
Na cultura foi valente  
No cabo da sua enxada

Zé Camelo foi guerreiro  
Na vida meteu o peito  
Criou verso, declamou  
Da rima foi bom sujeito  
Se meteu em confusão  
Sofreu muito preconceito.

Acusaram Zé Camelo  
De falsificar dinheiro  
Esse fato aconteceu  
Eu digo foi verdadeiro  
Mas provou sua inocência  
Na vida, foi um guerreiro.

Era um sujeito gaiato  
Não podia ver mulher  
Andava todo engomado  
Sapato limpo no pé  
Com gravata de doutor  
Grande vate, seu José.

Zé Camelo foi embora  
Na vida buscou a sorte  
Pegou trem na estação  
O sentido foi o norte  
Foi atrás de um amor  
Poeta de grande porte

João Camelo, o seu pai  
Pessoa muito legal  
Pegou trem pra buscar Zé  
Bem pertinho de Natal  
E isso causou intriga  
Prejudicou seu astral

Zé voltou pra Guarabira  
Com seu pai, o mestre João  
Escreveu logo o romance  
O enredo do pavão  
Um folheto diferente  
O tema foi ficção.

Nas serras de Pilõezinhos  
Bem pertinho lá do céu  
Que Zé Camelo, suado,  
Na testa quebrou chapéu  
Recebeu inspiração  
Na cantiga do tetéu.

Zé Camelo foi boêmio  
Gostava de aguardente  
Tomava uma na feira  
Declamava no batente  
Vivia por Guarabira  
Poeta muito excelente.

Com certeza foi taxado  
De maluco, meu irmão  
Pois vivia com viola  
Com folheto em sua mão  
Cantando em todo lugar  
O profeta do pavão.

Camelo levou rasteira  
Que perdeu o rebolado  
Confiou o seu pavão  
O folheto já formado  
Romano Elias da Paz  
Foi quem guardou mal guardado

Deu de garra do escrito  
Tô falando do pavão  
Joao Melquíades e Romano  
Pareciam Lampião  
Enganaram com confeito  
Danaram José no chão.

João falou: eu sou o pai  
Do romance do pavão  
Romano lhe apoiou  
Grande foi a confusão  
Camelo bateu o pé  
Esquentou o cabeção

Zé Camelo ficou brabo  
E jogou tudo pra o ar  
Botou fogo nos folhetos  
Com a mão fez pinicar  
Riscou até de facão  
O chão daquele lugar.

Mas José, o cordelista  
Não pensava no futuro  
Que a obra sairia  
Do seu passado obscuro  
Virou trilha de novela  
Transformou-se em ouro puro

A obra de Zé Camelo  
Virou tema premiado  
Top da literatura  
O cordel mais afamado  
Trama de televisão  
Por todos, considerado.

Editado em várias línguas  
Virou selo mundial  
O romance do pavão  
Trabalho muito legal  
Saindo de Guarabira  
Alcançou o pedestal

Palmas para Zé Camelo  
Esse homem de postura  
Que escreveu o romance  
Fez brilhar nossa cultura  
Morreu no anonimato  
Descansa na sepultura.

Todo mundo quer voar  
Na carona do pavão  
Mas não deu a mão a Zé  
Na pior situação  
No tempo em que vivia  
Não ganhou nenhum tostão.

Mas a obra voou longe  
Depois que o Zé morreu  
Foi bater lá na Espanha  
Tudo isso aconteceu  
Com o pavão afamado  
Zé Camelo mereceu.

Inspirou as gerações  
Esse texto iluminado  
O povo é quem gostava  
Sem letra, pouco informado  
Foi parar na Inglaterra  
Nos mares do outro lado.

Uma obra grandiosa  
Desse cabra inteligente  
Que viajou no futuro  
Nesse texto irreverente  
Pois previu um planador  
Fez o texto consciente

Eu acho que Zé Camelo  
Nesse texto se inspirou  
Nos ETS de Guarabira  
Que por cima aqui passou  
Zunindo feito avião  
Nas nuvens se encantou.

Zé Camelo foi um gênio  
Nesta arte milenar  
Helicóptero previu  
Peneirando pelo ar  
Sua máquina o pavão  
Que nasceu neste lugar

Criado por Edmundo  
Um maluco inventor  
Engenheiro nota dez  
Foi criador do motor  
Com alavanca e botão  
Buzina e radiador

Zé Camelo morreu pobre  
Como cidadão distinto  
Vivendo de pescaria  
Na cidade Rio Tinto  
Depressivo e angustiado  
Despossuído e faminto

Terminando aqui o verso  
Agora com muita fé  
Falando desse poeta  
Conhecido como Zé  
Que narrou a sua lira  
E nadou contra a maré.

# PAVÃO INTERESTELAR

## POR MERLANIO MAIA

Poeta é visionário  
É das Musas o preferido  
Dos Espíritos dos Santos  
Ele é o mais protegido  
Vive de encantamento  
Informado e instruído

Fiquei impressionado  
E acordei na madrugada  
O sol não tinha chegado  
Quando olhei pela sacada  
Vi um casal no terraço  
Me chamava pra calçada

Abri a porta e saí  
Sem ter medo nem sobrosso  
O casal vestia a roupa  
Colada até o pescoço  
Traje belo e confortável  
Uma moça e um jovem moço

Quando dei fé ela disse  
- “Conheça aqui meu esposo  
É Edmundo do Romance”,  
E eu vi um homem bondoso,  
“Foi ele que fez a Nave  
Do Pavão Misterioso!”

Pensei: eu passei a noite  
Lendo o Cordel referido  
Então deve ser um sonho  
Sobre o que tinha lido  
E ela disse: “Não é sonho  
Você foi por nós ouvido”

O Pavão Misterioso  
Une a Terra ao outro plano  
Quem lê com encantamento  
Pelo pensamento humano  
Atrai amor d’outro mundo  
Feito por Deus soberano

Ele falou: “Não se espante  
Que em tempos do passado  
Uma dessas nossas naves  
Com o seu poder alado  
Foi cedida para a terra  
Pra salvar quem é amado”

“Evangelista e Creusa  
Depois de toda aventura  
Retornaram ao nosso mundo  
E lá vivem na fartura  
Que somente amor liberta  
Faz feliz a criatura”

“Os dois se amam até hoje  
Vivem lá no nosso mundo  
Deram exemplo na Terra  
Do seu amor tão fecundo  
Que retornaram ao planeta  
Donde o casal é oriundo”

“E até hoje eles residem  
No nosso orbe Rioham  
Planeta desse sistema  
Grande estrela da manhã  
Poucos da Terra retornam  
Só os que têm a alma sã”

E o enredo da história  
Que nos deu José Camelo  
Deixou-me emocionado  
E arrepiei o meu pelo  
E ela disse: Venha amigo  
Você vai poder revê-lo

Assim entrei no Pavão  
Psicodélico moderno  
Por fora a mística ave  
Por dentro um templo eterno  
Que nos levaria ao Céu  
Nos tirando de um Inferno

Sentei naquela poltrona  
Ergométrica automática  
Nem sei se diminuí  
Ou se sonhava na prática  
E Edmundo operava  
Esta nave cinematográfica

De dentro dava pra ver  
Tudo no exterior  
Acima, abaixo, dos lados,  
Frente e atrás em toda cor  
Como deitado nas nuvens  
Eu me senti sonhador

Sob a ordem de Edmundo  
O Pavão Misterioso  
Já principia subida  
Leve, forte e portentoso  
Em segundos vi a Terra  
Do seu voo gracioso

O planeta foi sumindo  
Agora eu via o astro rei  
E os seus planetas divinos  
Na viagem até sonhei  
Que morri e me levavam  
Para os braços do meu Rei

E vi ali na amplidão  
Tanta beleza contida  
Astros e estrelas brilhando  
Que lindeza desmedida  
Que nem em sonhos sonhei  
Que haveria na vida

Agora o nosso Pavão  
Atingiu uma potência  
Que nada dava pra ver  
Nem ficar a consciência  
Poucos segundos depois  
Diminuiu sua essência

É que estávamos chegando  
Num céu de outro planeta  
Dois sóis imensos brilhavam  
Do vermelho ao violeta  
Reacendendo outras mil cores  
Em tantos tons da paleta

Doze luas envolviam  
Aquele planeta imenso  
E o Pavão Misterioso  
Avançou profundo, intenso  
E desceu na plataforma  
De pouso, assim eu penso

E vi milhares de naves  
De formatos diferentes  
Em forma de aves e outras  
Que eram rostos de gentes  
E pousou como uma pena  
E vimos outros viventes

Descemos na plataforma  
Fui muito bem recebido  
No meio de uma floresta  
Que tocava meu sentido  
Ouvi pássaros cantando  
Naquele imenso alarido

Entramos noutro aparelho  
Bem pequeno e transparente  
Que seguiu sobre a floresta  
Vi a cidade na frente  
Com tanta beleza e vida  
Que me deixava contente

Uma residência bela  
Desci com o pessoal  
Foi tanta beleza ali  
De cunho espiritual  
Que sem querer eu chorava  
Vi outro belo casal

Era Evangelista e Creusa  
Do romance que eu li  
Muito jovens e alegres  
Beleza que nunca vi  
Tanto amor e harmonia  
Como aqueles dois ali

E Evangelista falou:  
“Poeta, nós lhe chamamos  
Para falar lá na Terra  
Planeta que adoramos  
Daremos uma missão  
Que pra você preparamos”

“Você precisa informar  
Que a Terra do amanhã  
Tem ligações bem profundas  
Com este chão RIOHAM  
Precisa acabar com o ódio  
Carece de alma sã”

“O ódio atrasa os humanos  
E eles precisam crescer  
Que o seu planeta é irmão  
De outros que nem podem ver  
E Deus manda que ajudemos  
A Terra desenvolver”

“Desde que fui para a Terra  
Exemplificar o Amor  
Que dois seres que se amam  
Unem-se aonde for  
E têm amparo celeste  
Das forças do Criador”

E Creusa disse também:  
“Aqui nós nunca morremos  
A doença não existe  
E o que sonhamos temos  
E um dia a Terra será  
Assim como todos vemos”

“Leve a nossa mensagem  
De amor e sabedoria  
Digam que o nosso Pavão  
Misterioso é um guia  
Uma nave amorosa  
Que produz paz e alegria”

E assim me convidaram  
Para um banquete gostoso  
E eu comi e ainda trouxe  
Petisco tão saboroso  
E retornei para a Terra  
No Pavão Misterioso

Do mesmo modo que fui  
Voltei para o meu lugar  
Escrevendo este poema  
Para o fato divulgar  
Pregando o amor aos povos  
Que queiram me escutar

Pois isso prova pra todos  
Que há mundos extraterrenos  
Seres que vivem entre nós  
Mais sábios, belos e plenos  
Que ajudam nossos povos  
Viver em paz, mais serenos

Foi um momento bonito  
De outra realidade  
Que me deixa mais feliz  
Eu conto pra humanidade  
Que ao voltar desse plano  
Senti mais felicidade

Quem pensar que foi um sonho  
Ou que sou um mentiroso  
Leia o Romance à noite  
Com alma de venturoso  
Quem sabe também não voe  
No Pavão Misterioso!



# SÁTIRA DO PAVÃO MISTERIOSO

## POR ORLANDO OTÁVIO

Desde quando era menino  
Ouvia muito falar  
A história de um Pavão  
Que se tornou popular  
Vi a fama dessa ave  
Lá na feira de Pilar!

Era uma roda de gente  
Tinha coroné famoso  
Eu entrei naquela roda  
Assustado e curioso  
Perguntei: “o que é aquilo?”  
-É o Pavão Misterioso!

Eu fui chegando pra perto  
Pensando que era um pavão  
Vi um cantador cantando  
Com um folheto na mão  
O povo batendo palmas  
No fim de cada bordão



Tinha no bolso uns réis  
Comprei logo um exemplar  
E quando foi à tardinha  
Comecei a convidar  
A vizinhança todinha  
Para à noite eu declamar

E o povo foi chegando  
Todo mundo curioso  
Esperando a novidade  
Do convite prazeroso  
O folheto é a história  
Do Pavão Misterioso

O autor, José Camelo  
Na capa logo se via  
Nascido em Guarabira  
O dono da poesia  
Do Pavão que voou tanto  
Que foi pousar na Turquia

Eu vou começar falar  
Desse famoso Pavão  
Levantou voo do brejo  
Voou por toda nação  
Tá no cordel mais famoso  
Do estrangeiro ao sertão



E o Pavão na Europa  
Transformou-se em gavião  
Pousou dentro do Castelo  
Em astuta operação  
Pegou Creusa pelo bico  
Sendo sua salvação

Creusa era filha do Conde  
Princesa muito prendada  
Era como Rei da Hungria  
Dono de Força Armada  
Quando soube desmaiou  
Que a filha foi roubada

E quando a princesa viu  
Brilhando aquele Pavão  
Ficou louca de amor  
Turbinou seu coração  
Trepando na sua asa  
Vou com ele ao Japão

O Conde ficou arara  
Com o rapto da princesa  
Convocou a guarnição  
Para ver na redondeza  
Passarinho voador  
Ele vai ser minha presa

Levou ela para Grécia  
Foi morar noutra nação  
A princesa então gamou  
Pelo leque do Pavão  
O Conde inconformado:  
“Vou matar esse ladrão!”

Na verdade, o Pavão  
Era a nave do turista  
Levando a filha do Conde  
Foi sua maior conquista  
Ele também era rico  
Seu nome era Evangelista

O Conde caçou a filha  
Em tudo que era rincão  
João Batista era o piloto  
Formado em aviação  
Era o irmão mais velho  
Quem pilotava o Pavão

Por isso que o Pavão  
Era um exímio voador  
Mas o coração da ave  
Batia às vezes o motor  
Combustível se acabava  
Com Creusa fazendo amor

Veze quando ela pedia  
Para ver o seu Castelo  
O Pavão levantou voo  
Ela achava tudo belo  
Do alto vendo as terras  
Onde teve amor singelo

Evangelista indagou:  
Linda Creusa, minha amada  
Quer visitar o seu pai  
Embora leve porrada?  
Se quiser, vou arriscar  
E serás abençoada

Chegando lá no Castelo  
Onde foi seu natural  
Chegaram perto do Conde  
-Agora somos casal  
-Então você se apresente  
-No meu parque industrial

-Minha família era rica  
Deixou-nos muita herança  
Desde menino viajo  
Do Brasil até a França  
Se o senhor é um Conde  
São dois pesos na balança

O Conde se animou  
Com sua apresentação  
E foi logo exclamando:  
-- Gostei do belo Pavão  
Pode ficar **à** vontade  
Vamos tomar um pancão

O Conde então amansou  
“Atrás de tu **não vou mais**  
Descobri que minha filha  
Gosta do Pavão demais  
Essas viagens nos ares  
Já **é** capa de jornais

O Conde se conformou  
E disse de supetão  
-Pode se casar com ela!  
Eu dou toda permissão  
-Agora Creuzinha é minha  
Foram embora no Pavão

Maquinismo era possante  
Com força misteriosa  
Quando o Conde viu subir  
Disse minha filha goza  
Se quiser voltar pra casa  
Faço uma pista mimosa

Joao Batista aqui citado  
O irmão de Evangelista  
Voava com o casal  
Era o seu ascensorista  
Trabalhava de chofer  
E também de maquinista

A ave com autonomia  
Acionava sua asa  
O pavão se transformava  
Em aeronave e casa  
De tanto fazer viagem  
Seu “motor” virava brasa

Em certo momento, o bicho  
Regressou para o seu ninho  
Retornou pra Guarabira  
Mas se perdeu no caminho  
Veio rever Zé Camelo  
O dono do passarinho

O Pavão se aperreou  
Que deu um voo rasante  
Já se achando famoso  
Arremeteu num instante  
Passou por cima do brejo  
Não viu seu representante

Falando desse folheto  
Desde o século passado  
Que o passarinho voa  
Com Creusa e seu namorado  
Esse conto popular  
Que foi immortalizado

Por isso que ainda é  
O folheto mais vendido  
Foram várias edições  
No mundo é o mais lido  
O Pavão Misterioso  
Nunca será esquecido

Eu apenas escrevi  
Um plágio desse Pavão  
Tentei tirar suas penas  
Mas tá ficando o canhão  
Quem sou eu pra descrever  
O feitiço do avião?

Terminei de comentar  
Os cem anos do Pavão  
Folheto misterioso  
Desde a editoração  
Porque seu cordel vendeu  
Muito mais de um milhão

Me despeço do Pavão  
Também como passageiro  
Pois vou voar de carona  
Conhecer o mundo inteiro  
Nas asas da poesia  
Desse cordel altaneiro.

# A PARAÍBA É A PÁTRIA DO PAVÃO MISTERIOSO

**POR THIAGO ALVES**

José Camelo contou  
Com muita convicção  
Num romance encantador  
Do mistério de um Pavão  
Que levantou voo da Grécia  
Vindo pousar no Sertão.

Na odisseia de João  
Irmão de Evangelista  
Que viajou em missão  
Apenas pra ser turista  
Foi da Turquia ao Japão  
De lá para a Grécia em vista.

Depois que Evangelista  
Raptou a bela Creusa  
Das mãos do Conde fascista  
Voou com muita destreza  
No Pavão Misterioso  
Chega a Turquia em surpresa.



Sob encanto e beleza  
Casaram, o conto assim diz  
Que os dois jovens nubentes  
Na lua de mel que quis  
Receberam um telegrama  
Da mãe de Creusa feliz.

No telegrama a mãe diz  
Que se acabara a guerrilha  
O Conde havia morrido  
E estava livre a filha  
Que Creusa e Evangelista  
Herdaram os bens da família.

Seguindo por essa trilha  
Os nubentes regressaram  
Na casa de Edmundo  
Primeiro se hospedaram  
Depois foram ao castelo  
Para a Mãe se apresentaram.

Ali feliz se abraçaram  
A mãe os abençoou  
Toda a fortuna do Conde  
Evangelista herdou  
Como era experiente  
Gerenciar começou.

Primeiro ele convidou  
Para ser seu conselheiro  
O inventor do Pavão  
O Edmundo Engenheiro  
Começou a planejar  
Investir no estrangeiro.

Neste tom aventureiro  
Evangelista montou  
Uma equipe competente  
Depressa ele convidou  
O jornalista que antes  
A Edmundo o mostrou.

Retratista que tirou  
A foto da bela Creusa  
E vendeu para João  
Que lhe fez grande surpresa  
Lhe contratou para ser  
Designe de sua empresa.

Foi aumentando a riqueza  
Com muita sabedoria  
Tudo o quanto planejava  
Evangelista fazia  
Sua fama pelo mundo  
Se espalhava a cada dia.

Investiu no que havia  
A “Serra azougada” fina  
Mandou produzir em série  
Exportou até pra China  
Pra Rússia e toda a Europa  
Esse mercado se afina.

João Batista em Meca atina  
Alavanca a economia  
Na produção de tecido  
Para exportar da Turquia  
Pra Grécia e no mundo inteiro  
Evangelista anuncia.

Mais um produto crescia  
Com a marca do Pavão  
O tal “Lenço Enigmático”  
Evangelista em ação  
Levou à América Latina  
No Brasil a importação.

Pra combater cada ação  
Contra o crime organizado  
Para uso da polícia  
Sem violência era usado  
Para prisão de bandido  
Rápido e sem ser algemado.

O Brasil abençoado  
Recebe o Pavão honroso  
De peito e braços abertos  
Neste chão tão glorioso  
A Paraíba é a Pátria  
Do Pavão Misterioso.

Num prosperar majestoso  
Cresce a saga do Pavão  
Chega aos Estados Unidos  
E a NASA não abre mão  
Quer ir nessa máquina a Marte  
Planeja em nova missão.

Para um moderno espião  
A Rússia já contratou  
Uma cópia do Pavão  
Que Edmundo criou  
Já tem um novo modelo  
Que Embraer aprovou.

A Paraíba abraçou  
O plano de Evangelista  
Foi lançar em Cabaceiras  
Na Roliude nortista  
Com trinta dias de festa  
E congresso repentista.

Segurança, Evangelista  
Chamou Antonio Silvino  
Cangaceiro professor  
De Lampião Virgolino  
Contratou Luiz Gonzaga  
Com Asa Branca pra Hino.

O Sertão foi seu destino  
Investiu na plantação  
Do algodão colorido  
Grande escala em produção  
Indústria de tecelagem  
Atendendo a exportação.

No setor da Educação  
Fez um plano audacioso  
Implantando em cada escola  
Um projeto corajoso  
Ler cada aluno em lição  
O Pavão Misterioso.

Investiu impetuoso  
Na “Serra Azougada” fina  
Na produção em escala  
Em toda América Latina  
Exportou pro mundo inteiro  
Inspirando a Tramontina.

Vejo que o Pavão empina  
E os anos se passando  
Evangelista e Creusa  
Iam à Grécia vez em quando  
De Atena ia à Turquia  
Onde João ficou morando.

E assim foi se espalhando  
A fama desse Pavão  
Na Grécia o conto supera  
Aos ensinoss de Platão  
A Ilíada e Odisseia  
Não chegãom em comparação.

No mundo em cada nação  
O Pavão seguindo assim  
Traduzido em várias línguas  
Em grego até em latim  
Mais que “Mil e Uma noites”  
Dos contos de Aladim.

Com chave de ouro enfim  
Vamos findando esse intento  
A sogra de Evangelista  
Arrumou um casamento  
Com o Rei viúvo da Síria  
Em festa num grande evento.

No dia do sacramento  
Desse evento preparado  
O Rei entrou de mãos dadas  
Com uma princesa do lado  
Era sua filha amada  
Tinha um sorriso encantado.

Bem na frente do sobrado  
Sob o olhar curioso  
Pousara a mãe de Creusa  
Noiva com traje garboso  
Chegando com João Batista  
No Pavão Misterioso.

De modo bem cauteloso  
João entrega a dama ao rei  
Seguiram pra cerimônia  
Pra casar conforme a lei  
E João olhando a Princesa  
Disse: já me apaixonei.

Pediu a filha ao rei  
Noivou neste mesmo evento  
A Princesa apaixonada  
Pelo jovem de talento  
No outro dia marcaram  
E se deram em casamento.

E depois desse momento  
Sublime e tão grandioso  
Toda a família feliz  
Num reinado suntuoso  
Vivem sonhando nas asas  
Do Pavão Misterioso.

# CENTENÁRIO DO PAVÃO

## MISTERIOSO

**POR PALLOMA BRITO**

O Pavão Misterioso  
Comemora o centenário  
De um cordel grandioso  
Feito por visionário  
Homem sábio, cantador  
De um rico imaginário.

Cordel extraordinário  
Que inspirou disco, novela  
Da ciência e fantasia  
Camelo tira a tramela  
Com talento e habilidade  
O clássico abre a cancela.

No tal romance a donzela  
Vivia ali num castelo  
Formou com Evangelista  
Um harmonioso elo  
Apertando o seu pensar  
De José Camelo Melo.



Num ato nobre e singelo  
No Estado paraibano  
Na cidade Pilõeszinhos  
O Poeta soberano  
Fez o cordel sobre o amor  
Voando num aeroplano.

De paixão bolou o plano  
Para o clássico brasileiro  
Uma engrenagem espantosa  
Fez o nobre carpinteiro  
O boêmio e criativo  
Da donzela sentir cheiro.

Paraíba é o celeiro  
Do poeta popular  
Camelo não imaginava  
De tanta gente inspirar  
Cientistas, desenhistas  
Com a poesia a encantar.

Pelo mundo a conquistar  
O romance vira selo  
O enredo prende o leitor  
Rompe mares, quebra gelo  
Numa leitura gostosa  
Obra exemplar de Camelo.

Sara a dor de cotovelo  
O folheto de Cordel  
Narrativa essencial  
Tem importante papel  
Que faz o Pavão rodar  
Igualmente um carrossel.

Foi vendido a granel  
Em banca, barraca e feira  
Espalhando pelo mundo  
Poesia de primeira  
Ficção e devaneio  
E com paixão verdadeira.

Cantoria, bebedeira  
Camelo cria o Pavão  
Aparelho que voava  
Ao apertar um botão  
Pra cima ou horizontal  
Com cuidado e discrição.

Usou a imaginação  
O Pavão desvirtuava  
Era a vontade do homem  
Que no pensar já voava  
Roubava a mulher amada  
Ser feliz com quem amava.

Na poesia é contada  
A história de dois irmãos  
Filhos de grande fortuna  
De linhagem os cidadãos  
João Batista e Evangelista  
Nunca soltavam as mãos.

Representando artesãos  
Xilógrafos e poetas  
Conta que o João Batista  
Planejando novas metas  
Foi mostrar ao estrangeiro  
Suas obras prediletas

Cumpriu com as suas metas  
Após sua despedida  
Evangelista pediu  
Antes de fazer partida  
Ao irmão uma lembrança  
Pra saudade desmedida.

João disse assim na saída  
Para as terras do Japão  
João Batista ingressou  
Tudo chamava atenção  
Após seis meses por lá  
Foi pra outra diversão.

Buscando mais emoção  
A Grécia foi seu destino  
João Batista passeou  
Com alegria de menino  
Conheceu muitos lugares  
O elegante grã-fino.

Veio um flash repentino  
A lembrança do presente  
Que pediu Evangelista  
Com jeito meio insistente  
Procurou sem encontrar  
Uma lembrança decente.

Mas nada lhe vinha à mente  
Já perto de retornar  
Um homem lhe aproximou  
Dizendo pra ele esperar  
João ficou sem entender  
Resolveu então ficar.

E disse: vou explicar  
É que a moça mais bonita  
Uma atraente donzela  
De uma beleza infinita  
Vive presa num castelo  
Vai brilhar cheia de fita.

Daquela prisão maldita  
Ela foi fotografada  
João comprou a sua foto  
Como futura cunhada  
O destino usou João  
Pra que fosse libertada.

A moça trancafiada  
Sem pretensão de amar  
Continuou a rotina  
Sem ninguém lhe observar  
Triste destino era o seu  
Sem a vida desfrutar.

João Batista ao voltar  
Abraçou o seu irmão  
Disse trago esse retrato  
Que achou uma gozação  
Mas sem saber que na foto  
Tinha a mais linda feição.

Encantado com a moça  
Evangelista gostou  
Repartiu logo a herança  
Ao amor se destinou  
Sem saber o que fazer  
Com fé se aventurou.

Oito meses ele esperou  
Para a moça aparecer  
Só a paixão e o amor  
Para lhe fortalecer  
Ao vê-la numa janela  
O amor só fez crescer.

Encantado de morrer  
O toque do coração  
Passou dias planejando  
Procurando a solução  
Encontrou um engenheiro  
Que foi sua salvação.

Inventou o tal Pavão  
Aparelho de voar  
E a moça na madrugada  
Começou a visitar  
A chance do seu amor  
À donzela declarar.

Creusa se pôs a gritar  
Foi aquela agitação  
O pai saiu procurando  
Onde foi o tal ladrão  
Evangelista lutou  
Mais vezes pela paixão.

O silêncio do Pavão  
Deixando grande mistério  
O mesmo foi fabricado  
Usando muito critério  
Foi um invento perfeito  
Lindo, eficiente e sério.

Pavão bonito e aéreo  
Salvou Creusa da prisão  
Mostrando que o amor  
É quem faz intervenção  
A vida feliz a dois  
Foi a anunciação.

Eis aqui a explanação  
Da força da poesia  
História linda, perfeita  
Ao mundo dá alegria  
Um enredo interessante  
Que muito nos contagia.

A força da engenharia  
Da inteligência humana  
A beleza do cordel  
Que o sentimento emana  
Criando vínculo perfeito  
Deixando o mundo bacana.

No castelo ou na choupana  
Em qualquer lugar do mundo  
A poesia faz bem  
Leia e conheça a fundo  
Sua vida vai mudar  
Pois esse amor é fecundo.

# PAVÃO MISTERIOSO EM SÃO MIGUEL DE TAIPU

**POR VERÔNICA ADELINO**

Nos cem anos do Pavão  
Que continua a voar,  
Na riqueza da cultura  
Com suporte popular,  
Eu embarco no romance  
Atravessando esse mar.

José Camelo de Melo,  
O poeta que escreveu  
O amor da jovem Creusa  
Que na Grécia transcorreu,  
Já é imortalizado,  
Pois a obra transcendeu.

Um Conde muito orgulhoso  
Prendeu a filha em castelo.  
Só ele e a mãe cuidavam  
Em ação sem paralelo.  
Acabam imortalizando  
José Camelo de Melo.



São Miguel de Taipu,  
A cidade onde moro,  
No ano de 23  
Já escutava o sonoro  
Garganteio do Pavão.  
Essa história rememoro.

Nesse ano veio à luz  
O Romance do Pavão.  
Nas margens do Paraíba  
Circulou de mão em mão,  
O amor do jovem turco  
E sua imaginação.

Dentro dos canaviais,  
No pouco tempo ocioso,  
O cambiteiro de cana  
Lia o romance famoso.  
Todo mundo decorava  
O Pavão Misterioso.

A ave voava livre  
Pelo Engenho Corredor.  
No Engenho Maravilha  
Planava como um condor.  
Em Oiteiro e Itapuã  
Pairava o libertador.

O orgulho de um homem  
De nada há de valer.  
Dinheiro na vida é nada.  
Melhor do que ter é ser  
Rico de felicidade,  
De alegria e prazer.

O romance trata o tema  
E retira do baú  
O sentimento de honra,  
Deixando o tirano nu.  
A cena tinha um cenário:  
São Miguel de Taipu.

Porque quem lia o folheto  
Situava aquela ação  
Na sua terra natal,  
E a figura do pavão  
Se transformava em peru,  
Urubu ou gavião.

Este lendário romance,  
Maravilhoso cometa,  
Ocorreu lá na Turquia.  
Deste lado do planeta  
A ação teve outro palco:  
Fazenda Lagoa Preta.

Nas festas de vaquejada  
Ou função da Padroeira,  
Mundo da monocultura  
Era outra a bandeira,  
Enquanto o mundo lutava  
Em diferente trincheira.

Porque na vida real  
O General Reza Khan  
Dá um golpe lá na Pérsia  
E ocupa Teerã.  
Quatro milhões de pessoas  
Entram para a Ku Klux Klan.

Um terrível terremoto  
Arrasa todo o Japão.  
No ano de 23  
Também teve agitação  
Aqui no nosso Brasil  
Onde nasceu o Pavão.

No Rio Grande do Sul  
Teve um conflito armado:  
A revolução gaúcha,  
Morrendo muito soldado.  
Batalhas pelo poder,  
Embates pra todo lado.

A República Turquia  
Fez sua proclamação  
Do Império Otomano  
Fazendo a libertação.  
Isso talvez inspirou  
A história do Pavão.

O poeta de cordel  
Era um sujeito antenado.  
Um jornalista do povo  
Mantinha o vulgo informado.  
José Camelo soltava  
O libertador alado.

O Pavão imaginário  
Com potencialidade  
Na cabeça do poeta  
Garantia a liberdade  
Da mocinha do castelo,  
Mas falava em outra grade.

A prisão da tirania  
Do abuso e despotismo,  
Isso no imaginário  
Exaltando o altruísmo,  
Com o amor vencendo o ódio,  
Em heróico ativismo.

Quero mandar meu abraço  
Para nossa Academia  
E a Universidade  
Que a homenagem amplia  
A esse eterno cordel  
Que o povo tanto aprecia.

-FIM-

## Sobre o livro

<b>Projeto gráfico e capa</b>	Erick Ferreira Cabral
<b>Ilustração da capa</b>	Jô Oliveira
<b>Impressão</b>	Gráfica Universitária da UEPB
<b>Formato</b>	15 x 21 cm
<b>Mancha Gráfica</b>	10 x 15 cm
<b>Tipologia utilizada</b>	Chaparral Pro 11/13 pt
<b>Papel</b>	Pólen 75g/m <sup>2</sup> (miolo) e Cartão Supremo 250g/m <sup>2</sup> (capa)

"*Os Voos do Pavão: 100 Anos de Encantos*" é uma antologia poética, cuja contribuição é dos nossos confrades e congreiras da Academia de Cordel do Vale do Paraíba – ACVPB. A coletânea vem abrilhantar o projeto editorial da "*Coleção 100 Anos do Pavão Misterioso*" em homenagem ao centenário da obra icônica de José Camelo de Melo Rezende e de João Melchíades Ferreira da Silva.